DESINVISIBILIZANDO O MACHISMO

Uma proposta de aplicação para dar visibilidade a desigualdade de gênero no ambiente escolar

Kamila Umbelino Paiva Dantas e Maria Lima de Oliveira

Projeto final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Web Intelligence & Digital Analytics.

Orientadores: André Bello e Marconi Ponte Pereira

Rio de Janeiro

Março de 2025

DESINVISIBILIZANDO O MACHISMO: Uma elucidação de como os vieses de gênero se manifestam no ambiente escolar

Kamila Umbelino Paiva Dantas e Maria Lima de Oliveira

PROJETO FINAL SUBMETIDO AO CORPO DOCENTE DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA EM WEB INTELLIGENCE & DIGITAL ANALYTICS

Aprovado por:

_____

Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti, D.Sc.

_____

André Bello, Esp.

_____

Marconi Ponte Pereira, M.Sc.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer imensamente às nossas famílias, pelo carinho e apoio para que pudéssemos chegar a este lugar de privilégio que é ter uma educação superior e cursar um MBA no Brasil. A nossos companheiros, que nos deram a mão e forneceram incentivo nessa jornada cansativa de trabalho e estudos. Ao CRIE e à COPPE/UFRJ, a todos os funcionários e professores, por nos proporcionarem um curso tão excelente, com reflexões importantes, conteúdo de primeira linha e um grupo de alunos diverso e sensacional. E a todos e todas colaboradores deste projeto, por nos ajudarem, com suas visões, a entender melhor este tema que nos é tão caro: Ana Lúcia Ferreira Lima, Ruy de Oliveira, Giulia Sarantakos, Marcia Chagas, Matheus Esteves, Yara Ligiéro, Glória Calvente, Valéria Baptista, e todos que responderam o formulário online inicial. Muito obrigada.

Resumo

Este trabalho explora a complexa questão do machismo, definindo-o como um sistema de crenças que polariza os sexos e estabelece a superioridade masculina. O estudo analisa as causas históricas, sociais, políticas e econômicas que perpetuam a desigualdade de gênero, utilizando a metodologia da Análise de Camadas Causais para aprofundar a compreensão do problema. A obra investiga como discursos culturais e mitos reforçam o machismo, em nos mais diversos setores da sociedade. Para dar visibilidade a esses vieses, com especial foco em manifestações que ocorrem no ambiente escolar, o trabalho propõe a criação de uma plataforma digital. A iniciativa visa conscientizar e fornecer dados para futuras intervenções que promovam a igualdade de gênero na educação.

Palavras-chave: *machismo, ambiente escolar, análise de camadas causais, data thinking.*

Abstract

This article explores the complex issue of male chauvinism, defining it as a belief system that polarizes the sexes and establishes male superiority. This study analyzes the historical, social, political, and economic causes that perpetuate gender inequality, using the methodology of Causal Layered Analysis to deepen the understanding of the problem. The authors investigate how cultural discourses and myths reinforce male chauvinism in various sectors of society. To highlight these biases, with a special focus on manifestations that occur in the school environment, the article proposes the creation of a digital platform. The initiative aims to raise awareness and provide data for future interventions that promote gender equality in education.

Keywords: *male chavuinism, school environment, causal layered analysis, data thinking.*

Sumário

1. INTRODUÇÃO **1**
2. CONTEXTO: Definições de Desigualdade de Gênero, Machismo e Patriarcado **4**
3. METODOLOGIA **7**
4. ANÁLISE DE CAMADAS CAUSAIS **9**
4.1. O Problema **10**
4.2. Causas Sistêmicas **14**
4.2.1. Fatores históricos **14**
4.2.2. Fatores Sociais **19**
4.2.3. Fatores Políticos **19**
4.2.4. Fatores econômicos **20**
4.3. Perspectiva Global/ Discurso **21**
4.4. Mitos e Metáforas **23**
4.5. Sistema complexo **25**
5. ABORDAGEM PROPOSTA **27**
5.1. Definição da Abordagem **27**
5.1.1. Aspectos do ambiente escolar relevantes para o problema **27**
5.1.2. Definição da abordagem ou solução **36**
5.2. Solução Macro **37**
5.3. Solução Detalhada **42**
6. APLICAÇÃO **43**
6.1. Plano de Ação de Curto Prazo: Desenvolver a plataforma **43**
6.2. Plano de ação de médio prazo: Estabelecer parcerias **44**
6.3. Plano de Ação de Longo Prazo: Consolidação da Solução e Melhoria Contínua **44**
6.4. Resultados Esperados com a Aplicação **45**
7. CONCLUSÃO **45**
8. REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO **48**
9. ANEXO I **50**

Lista de Figuras

Figura 1 - Representação de Iceberg das violências de gênero 3

Figura 2 - Modelo Double Diamond 7

Figura 3 - Modelo Duplo Diamante adaptado 8

Figura 4 - Gráfico sobre o percentual de ocupados na população, onde observa-se a queda na ocupação de mulheres no mercado de trabalho de 2012 a 2020..... 11

Figura 5 - Esquema de Causas Sistêmicas: De que forma a dominação masculina, como fenômeno histórico, teve origem em um fato biologicamente determinado e se tornou em uma estrutura, baseado em Lerner, 2019. 17

Figura 6 - Protótipo de Solução..... 40

Figura 7 - Business Model Canvas da Solução 41

Figura 8 - Desenho técnico da solução..... 42

Figura 9 - Plano de ação de curto prazo 43

Lista de Quadro

Quadro 1 - Quadro resumo das principais categorias avaliadas pelo relatório “Global Gender Gap Report” do Fórum Econômico Mundial 12

Quadro 2 - Quadro resumo das intervenções realizadas na turma de alunos para o documentário "No More Boys and Girls" da BBC Two 29

Quadro 3 - Resultados das intervenções realizadas para o documentário "No More Boys and Girls" da BBC Two 32

Quadro 4 - Principais resultados da roda de conversa com professoras e coordenadoras de escolas do Rio de Janeiro 34

Quadro 5 - Dimensões e variáveis para avaliar a desigualdade de gênero nas escolas 38

1. INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero e o machismo configuram-se como fenômenos de um sistema complexo, presentes e persistentes na nossa sociedade, como veremos ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Pesquisas de âmbito nacional e global demonstram que grande parte da população reconhece a desigualdade entre homens e mulheres como uma realidade[1], com estimativas indicando que levará mais de um século para alcançar a plena igualdade de gênero[2]. Essa desigualdade transcende a esfera individual e impacta negativamente pelo menos metade da população mundial[3], composta por mulheres, em diversas dimensões, como o mercado de trabalho, o acesso à educação, a representação política e em espaços de poder, além de ser a raiz de diversas formas de violência contra as mulheres, inclusive o feminicídio.

A compreensão desses fenômenos passa pelo entendimento de que gênero é uma construção social[4] que define o que se entende por ser homem ou mulher em uma determinada sociedade e época. É a partir dessas construções que se estabelece o sistema patriarcal, caracterizado por um conjunto de comportamentos, regras e contingências que hierarquizam homens e mulheres, perpetuando a supremacia masculina e a subordinação feminina. O machismo, por sua vez, é a ideologia de superioridade masculina que sustenta o sistema patriarcal através de crenças, atitudes e condutas baseadas na polarização dos

---

[1] Em 2016, o Instituto Avon, juntamente com o Locomotiva Instituto de Pesquisa, realizou um levantamento de âmbito nacional para conhecer a percepção sobre a desigualdade de gênero e suas consequências são percebidas no Brasil. Como principais achados, a pesquisa aponta que 88% das pessoas acreditam que a desigualdade entre homens e mulheres é uma realidade e 84% dos respondentes acreditam que todas as pessoas deveriam lutar por um mundo menos machista.

[2] Em 2024, o "Global Gender Report" elaborado anualmente pelo Fórum Econômico Mundial demonstrou que serão necessários pelo menos 134 anos para que todas as nações que participam do levantamento atingirem a plena igualdade entre homens e mulheres nas categorias analisadas pela instituição.

[3] Castañeda (2006) afirma que na sociedade machista, todas as pessoas são machistas, incluindo as mulheres. Além disso, todas as pessoas acabam vítimas do machismo, incluindo os homens. Com esta afirmação a autora conclui que não são pessoas machista que formam uma sociedade machista, mas sim, uma sociedade machista, forma indivíduos machistas, uma vez que isto não é um atributo inato.

[4] Lerner (2019) apresenta aos leitores uma analogia interessante para diferenciar o que é inato às mulheres do que é uma construção social, afirmando que "*fato de mulheres terem filhos ocorre em razão do sexo; o fato de mulheres cuidarem dos filhos ocorre em razão do gênero, uma construção social" (LERNER, 2019, p.43)*.

sexos e na valorização do masculino em áreas consideradas importantes pelos homens (CASTAÑEDA, 2006).

O machismo não é um atributo inato, mas sim aprendido e reproduzido socialmente desde a infância, influenciando todas as interações interpessoais (CASTAÑEDA, 2006; MONTEIRO & ZANELLO, 2015; ZANELLO, 2020). Nesse contexto, o ambiente escolar emerge como um espaço crucial tanto para a reprodução quanto para a desconstrução desses vieses de gênero. Estudos demonstram que práticas machistas, como assédio sexual, linguagem sexista e estereótipos de gênero, são comuns e naturalizadas nas escolas, afetando principalmente meninas e reforçando desigualdades[5].

No momento da elaboração do presente artigo, acende-se a discussão sobre o impacto das redes sociais da propagação do machismo, da subcultura do ódio nos meios digitais e de violências direcionadas a meninas e mulheres, inclusive nas escolas. A série "Adolescência", lançada pela plataforma Netflix em 2025, que retrata a história de um adolescente de 13 anos, preso e acusado de matar uma colega de escola, também expõe as influências tóxicas a que crianças e jovens estão sendo expostos na internet. Até março de 2025, a produção ficou entre as dez séries mais assistidas da plataforma[6]. Tal foi seu impacto, que o governo britânico anunciou que a produção seria transmitida gratuitamente em escolas de ensino médio do Reino Unido.

No Brasil, um levantamento do Instituto Sou da Paz publicado em maio de 2023 demostrou que, nos últimos 20 anos, aconteceram 24 ataques a escolas com armas brancas e armas de fogo, dez destes ataques aconteceram nos últimos oito meses do levantamento[7]. De acordo com o instituto, são recorrentes entre os autores dos ataques relatos bullying e a subcultura de ódio que incentiva

---

[5] Em 2017, uma parceria entre a organização UK Feminista e National Education Union promoveu um estudo que apresenta como a desigualdade de gênero, presente em todos os aspectos de nossa sociedade, também se faz presente no sistema educacional. O relatório revela que assédio sexual, a linguagem machista e estereótipos de gênero são práticas comuns, rotineiras e aceitas em escolas, além de serem normalizadas.

[6] Dados da reportagem da folha, disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2025/04/adolescencia-entra-no-top-10-de-series-mais-vistas-da-historia-da-netflix.shtml. Acesso em 30/04/2025.

[7] Levantamento do Instituto Sou da Paz, publicado em maio de 2023, disponível em: https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2023/05/Raio-x-ataque-a-escolas.pdf. Acesso em 30/04/2025.

à violência, criada nos ambientes digitais. O levantamento também aponta que "*o grupo [de agressores] é composto exclusivamente por meninos e homens, reforçando um fenômeno ligado ao universo masculino, não só no Brasil como ao redor do mundo." (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2023).*

Como mostra a figura a seguir, a morte é a ponta de um grande iceberg de violências muitas vezes sutis e invisíveis, porém progressivamente mais graves:

Figura 1 - Representação de Iceberg das violências de gênero

Fonte: Adaptado de Amnistía Internacional. Disponível em: https://blogs.es.amnesty.org/madrid/2021/03/01/niunamas-como-karla/iceberg-violencia-genero-default/. Acesso em 30/04/2025.

Professoras entrevistadas para este trabalho apontam a falta de ações estruturantes para se combater o machismo nas escolas. Porém também apontam que "*a escola é um microcosmo da sociedade*" e sentem que a sociedade está colocando *"tudo nas costas das escolas*", dessa forma sentem-se sobrecarregadas, sem apoio e fazendo o melhor que podem com ações locais.

Diante dessa realidade, o presente artigo propõe uma abordagem focada na elucidação das manifestações da desigualdade de gênero no ambiente escolar. Através da apresentação do "Mapa da Desigualdade de Gênero nas Escolas", uma plataforma para coletar e analisar experiências de membros da comunidade escolar, busca-se dar visibilidade e tangibilizar as diversas formas pelas quais o machismo se manifesta no cotidiano escolar. Acredita-se que a conscientização e o acesso à informação são passos fundamentais para promover a igualdade de gênero e construir um ambiente educacional mais justo e equitativo para todas as pessoas.

2. CONTEXTO: DEFINIÇÕES DE DESIGUALDADE DE GÊNERO, MACHISMO E PATRIARCADO

Em 2016, o Instituto Avon, juntamente com o Locomotiva Instituto de Pesquisa, realizou um levantamento de âmbito nacional para conhecer como a desigualdade de gênero e suas consequências são percebidas no Brasil. Denominada "*O Papel do Homem na Desconstrução do Machismo*", a pesquisa se destaca por examinar de que forma os homens se colocam ou não na desconstrução deste sistema de crenças e valores que reforça as tais desigualdades.

A amostra de respondentes da pesquisa foi igualitária quanto ao sexo, sendo composta por 50% de homens e 50% de mulheres. Como principais achados, a pesquisa aponta que 88% das pessoas acreditam que a desigualdade entre homens e mulheres é uma realidade e 84% dos respondentes acreditam que todas as pessoas deveriam lutar por um mundo menos machista.

Dados de 2024 do "*Global Gender Gap Report*", relatório publicado anualmente pelo Fórum Econômico Mundial, revelam que levará pelo menos 134 anos para atingirmos a plena igualdade de gênero.

A desigualdade de gênero transcende a esfera individual e impacta diariamente metade da população mundial. É relegada às mulheres a condições

de minoria, com identidade de nicho e ponto de vistas subjetivos[8], quando somente no Brasil, por exemplo, elas representam 51,5% da população. Isto significa que metade de toda a humanidade, composta por mulheres, enfrenta obstáculos como discriminação no mercado de trabalho, desigualdade no acesso à educação, sub-representação na política e em espaços de poder, violências e morte, em razão de serem mulheres.

De acordo com os estudos de Lerner (2019) podemos entender que a desigualdade de gênero aconteceu em determinado momento do processo histórico quando um número limitado de diferenças biológicas comprovadas entre os sexos foi demasiadamente exagerado por interpretações culturais, assim, a autora concluir que o valor dado às diferenças sexuais é, por si só, um produto cultural.

Neste sentido, cabe definir as diferenças e as relações entre os conceitos de "sexo" e "gênero": aquele é um fato biológico, este é um produto criado pela cultura. Portanto, as diferenças biológicas que determinam se uma pessoa nasce homem ou mulher é denominado sexo; gênero, por sua vez, se refere às intepretações culturais e significados sociais que são impostos a esses fatores biológicos, em determinada época, cultura e dada sociedade (CASTAÑEDA, 2006; LERNER 2019).

> Gênero é a definição cultural de comportamento definido como apropriado aos sexos em dada sociedade, em determinada época. [...] é um conjunto de papéis culturais. É uma fantasia, uma máscara, uma camisa de força com a qual homens e mulheres dançam sua dança desigual. (LERNER, 2019, p.294)

São as expectativas de comportamento, normas e papéis sociais estabelecidos sobre como homens e mulheres devem agir, sentir, se expressar, se comportar etc. Assim, "*o significado de ser homem, o significado de ser mulher, a masculinidade e a feminilidade constituem o gênero: algo que se acrescenta ao sexo.*" (CASTAÑEDA, 2006, p.69).

[8] Criado Perez, Caroline. Mulheres invisíveis: O viés dos dados em um mundo projetado para homens. São Paulo: Planeta, 2020. p. 40.

Para concluir, gênero é uma construção histórica, social e cultura, não é uma escolha, nem um atributo inato aos serem humanos. Na analogia utilizada por Lerner (2019), o sexo determina que mulheres possuem a capacidade de gerarem e gestarem outros seres humanos, já o constructo cultural, gênero, relega a elas o papel de criar seus filhos.

É a partir destes fenômenos que se constitui uma forma de organização da sociedade, denominada como o sistema patriarcal. O patriarcado é, portanto, um conjunto de comportamentos, regras e contingências, que estabelece uma hierarquia entre homens e mulheres baseada centralmente no desequilíbrio de poder que gera a supremacia masculina e a opressão das mulheres (NICOLODI & ZANELLO, 2023).

Já o machismo é a ideologia de supremacia e superioridade masculina, além das crenças que a apoiem e sustentem o sistema patriarcal. Assim o machismo e patriarcado se reforçam de forma mútua, porém é possível existir machismo mesmo com a abolição do patriarcado (LERNER, 2019). Em complemento, para Castañeda (2006), machismo é um conjunto de crenças, atitudes e condutas que repousam sobre duas ideias básicas: (i) a polarização dos sexos, e (ii) a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes.

Este sistema de crenças está enraizado em todas as pessoas[9]. O estudo "O Papel do Homem na Desconstrução do Machismo", já citado no início do trabalho, mostra que, na prática, grande parte dos participantes, sejam homens ou mulheres, ainda tolera costumes e situações de violência contra a mulher. A título de exemplo, o estudo aponta que, se por um lado, 59% das pessoas acreditam que todas as mulheres devem ser respeitadas, não importando sua aparência ou seu comportamento, por outro, 27% acreditam que, em alguns casos, a mulher também pode ter culpa por ter sido estuprada e 61% consideram que a mulher que se deixou fotografar também tem culpa quando um homem compartilha suas imagens íntimas sem autorização.

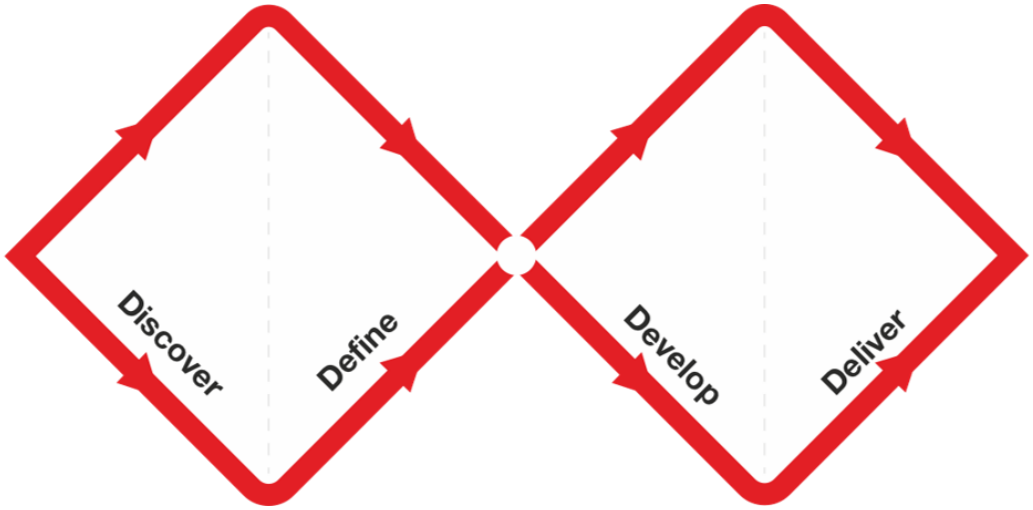
[9] Castañeda (2006) afirma que na sociedade machista, todas as pessoas são machistas, incluindo as mulheres. Além disso, todas as pessoas acabam vítimas do machismo, incluindo os homens. Com esta afirmação a autora conclui que não são pessoas machista que formam uma sociedade machista, mas sim, uma sociedade machista, forma indivíduos machistas, uma vez que isto não é um atributo inato.

Nicolodi & Zanello (2023) acreditam que, para entender plenamente este problema, não basta apenas descrever as relações de poder em que homens dominam mulheres: é necessário realizar uma análise mais profunda sobre a estrutura de desigualdade de poder entre homens e mulheres e identificar as condições sociais, as contingências e as cadeias comportamentais que sustentam esta estrutura.

3. METODOLOGIA

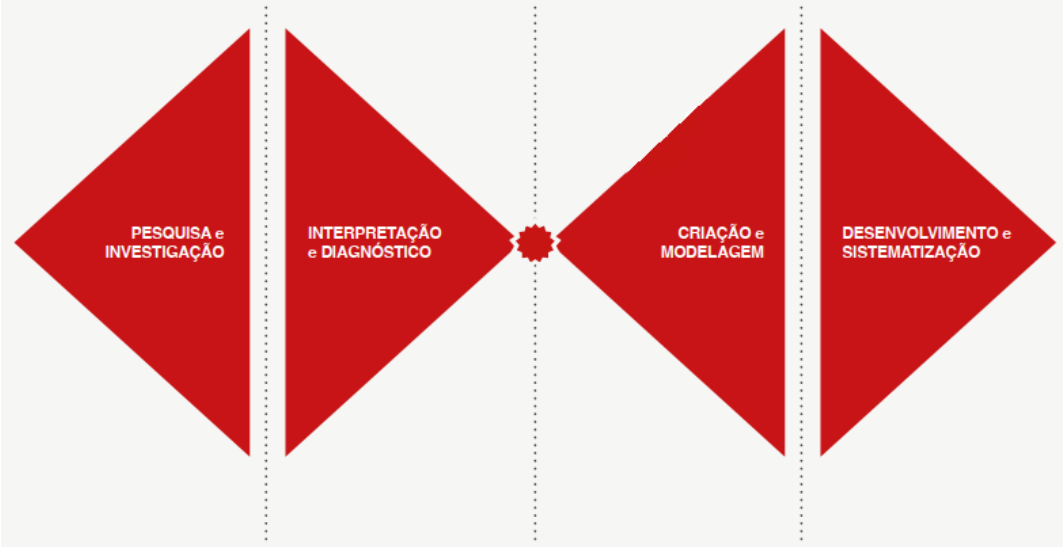
A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho é o chamado Duplo Diamante, adaptado pelo Centro de Referência em Inteligência Empresarial da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CRIE/UFRJ), a partir da proposta do Design Council de 2003, conforme figuras a seguir:

Figura 2 - Modelo Double Diamond



Fonte: Design Council

Figura 3 - Modelo Duplo Diamante adaptado



Fonte: CRIE COPPE UFRJ

Na etapa de “Pesquisa e Investigação” realizou-se a revisão de literatura, contemplando diversos artigos e livros relevantes para o tema, a serem mencionados ao longo deste trabalho. Na etapa de “Interpretação e Diagnóstico”, utilizou-se a ferramenta Análise de Camadas Causais, de Sohail Inayatullah, para realizar uma análise mais profunda sobre as estruturas que promovem a desigualdade gênero e o machismo, a partir da literatura anteriormente selecionada. Nesta etapa, também foi possível determinar um diagnóstico a ser trabalhado pelo presente projeto (Capítulo 4). No momento de “Criação e Modelagem”, utilizaram-se mais fontes de pesquisa, além do conceito de *Data Thinking* para determinar a proposição do trabalho. Por fim, em “Desenvolvimento e Sistematização”, foram aplicados métodos como *brainstorming* e prototipação para tangibilizar e detalhar a proposta elaborada (Capítulo 5). A forma de utilização, aplicação dos métodos e fontes de dados mencionados são detalhadas em cada capítulo onde foram utilizados.

4. ANÁLISE DE CAMADAS CAUSAIS

Já se sabe que a sociedade se organiza em uma hierarquia entre homens e mulheres baseada centralmente no desequilíbrio de poder que gera a supremacia masculina e a opressão das mulheres (Nicolodi & Zanello, 2023). Quais condições levaram a isto? E que explicações podemos ter sobre o estado que chegamos na atualidade? Quais os caminhos possíveis para superarmos essa realidade que afeta a tantas pessoas? Este trabalho tem por objetivo explorar estas perguntas, por meio da metodologia de "Análise de Camada Causais" proposta por Sohail Inayatullah.

Segundo Inayatullah (2019), a Análise de Camadas Causais foi concebida no final da década de 1980 e trata-se de uma teoria e metodologia de pesquisa que busca integrar modos de pesquisa empírico, interpretativo, crítico e de aprendizagem pela ação.

Este método, como explica o autor, é uma abordagem que pode ser utilizada para projetar para futuros alternativos, de forma mais eficaz ao identificar e integração de diferentes níveis de análise. Adicionalmente, pode ser aplicada para debater todos os tipos de questões, de forma coletiva ou individual, sendo muito útil para obter-se uma compreensão mais profunda e abrangente de problemas complexos e potenciais abordagens.

A Análise de Camadas Causais auxilia na criação de estratégias mais robustas e inclusivas, explorando a dinâmica interna de significados e considerando a evolução de paradigmas de longo prazo e é composta por quatro níveis: o problema, as causas sociais/sistêmicas, o discurso/visão de mundo e mito/metáfora.

O primeiro nível, ou o problema, apresenta o futuro oficial e inquestionável. O segundo nível é o das causas sociais, tecnológicas, econômicas, ambientais e políticas; ou seja, a perspectiva sistêmica. É neste segundo nível em que os dados do problema são explicados, questionados, mapeados e analisados. O terceiro nível fornece o discurso/visão de mundo. Nesta etapa, crenças ideológicas e discursivas mais profundas e inconscientes são desvendadas, além disso, as formas como diferentes partes interessadas contribuem para o sistema são exploradas neste nível. O quarto nível fornece os mitos e as

metáforas que, por sua vez, contém as dimensões emotivas inconscientes da questão.

Assim, o objetivo final deste método, como ressalta Inayatullah (2019), é transformar a realidade através da identificação e reconstrução de narrativas, promovendo ações políticas sustentáveis e estratégias que conectem o curto, médio e longo prazo.

4.1. O Problema

Como falado inicialmente, o machismo se manifesta por meio de uma série de crenças arraigadas, atitudes preconceituosas e comportamentos discriminatórios que sustentam a premissa da superioridade masculina e a consequente subordinação feminina.

As consequências destas crenças são verdadeiros obstáculos enfrentados por elas, como a discriminação no mercado de trabalho, desigualdade no acesso à educação, sub-representação na política e em espaços de poder e até mesmo violências mais graves. Esta condição pode ser atravessada por outros fatores sociais como raça, classe social, deficiência física, orientação sexual, religião, etc, condições tais que não serão abordadas em suas especificidades dada a limitação do artigo.

Dados de 2024 do “Global Gender Gap Report”, publicado anualmente pelo Fórum Econômico Mundial, revelam que levará pelo menos 134 anos para que todos os países participantes do estudo alcancem a plena igualdade de gênero.

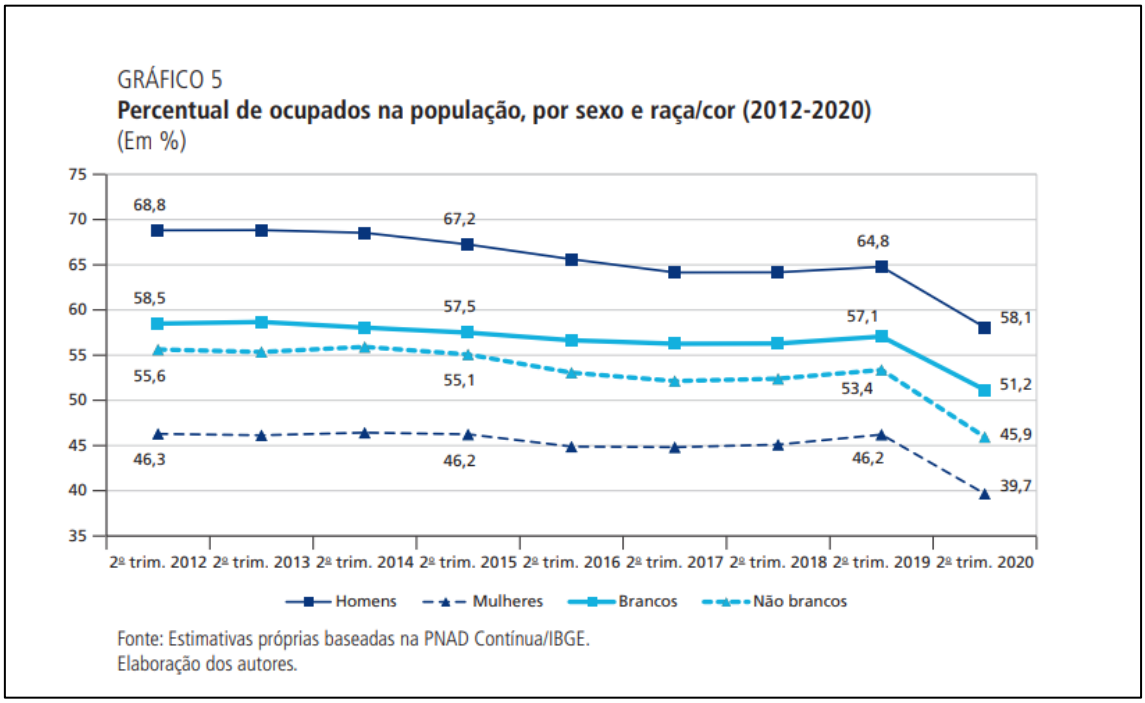
Segundo o mesmo levantamento, de 2023 para 2024, o Brasil reduziu em 1% seus esforços para a igualdade de gênero (em 2023, a lacuna era de 72,6%), caindo 13 posições em comparação ao ano anterior. Assim, o país ocupa o 70º lugar no índice de 2024, tendo fechado 71,6% da lacuna de gênero.

A igualdade de gênero na taxa de participação na força de trabalho aumentou em 0,7 pontos percentuais em relação a 2023, chegando a 72,6%, embora ainda permaneça 4,5 pontos abaixo do melhor resultado do Brasil (77,2% em 2021). Este comportamento pode ser explicado por uma pesquisa

realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que relevou, por meio de indicadores, como a crise da pandemia de Covid-19 afetou grupos populacionais mais vulneráveis, tais como: mulheres, negros e jovens[10].

O IPEA demonstrou a desvantagem que mulheres enfrentam em relação aos homens. No segundo trimestre de 2019, por exemplo, a taxa de ocupação delas era de 46,2%, inferior à do sexo masculino, de 64,8%. Na mesma época em 2020, houve redução para 39,7% no caso das mulheres e 58,1% para os homens. Importante ressaltar que mesmo antes da pandemia, as mulheres já possuíam maior chance de mudar da situação de "ocupada" para "inativa", assim como menor chance de entrar no mercado de trabalho, no entanto, a crise intensificou ainda mais essas probabilidades.

Figura 4 - Gráfico sobre o percentual de ocupados na população, onde observa-se a queda na ocupação de mulheres no mercado de trabalho de 2012 a 2020



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2020)

[10] Publicação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em abril de 2021, disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2021/04/desempenho-recente-do-mercado-de-trabalho-e-perspectivas-para-o-ano/. Acesso em 30/04/2025.

Voltando a situação do Brasil apresentada pelo Fórum Econômico Mundial, na categoria “Empoderamento Político”, o Brasil acompanha a média global, com uma pontuação de 22%, também em queda em relação ao ano anterior (26,3% em 2023), principalmente devido à menor representação feminina em nível ministerial.

Como pontos positivos na categoria “Conquista Educacional”, o Brasil atinge paridade efetiva com índice de 99,6%. Assim como na categoria “Saúde e Sobrevivência”, que mantém uma pontuação de 98% de igualdade no acesso a saúde e cuidados.

Quadro 1 - Quadro resumo das principais categorias avaliadas pelo relatório “Global Gender Gap Report” do Fórum Econômico Mundial

Categoria	Pontuação do Brasil	Descrição da situação do Brasil
Educação	99.6%	O Brasil proporciona paridade na alfabetização e matrículas em diferentes etapas de ensino, mas ainda há disparidade de gênero nos cursos superiores.
Saúde e sobrevivência	98%.	São considerados elementos como a proporção de nascidos vivos e a expectativa de vida saudável por gênero, a prevalência de violência contra mulheres e até a autonomia reprodutiva, considerada restrita.
Participação Econômica e oportunidades	66,7%	A força de trabalho do Brasil possui cerca de 11 milhões de homens a mais que mulheres, com a taxa de desemprego entre elas sendo 3,1% maior. Além disso, 33,2% das mulheres brasileiras estão em empregos de meio período contra 19,7% dos homens. Mais de 35% delas estão no mercado informal.
Empoderamento político	22%	O número ilustra uma queda de 4,3% em comparação a 2023 devido à saída de mulheres da liderança dos ministérios e à baixíssima representação feminina no parlamento: apenas 17,5% dos cargos são ocupados por elas.

Fonte: Elaborado pelas autoras

No Brasil, temos poucos estudos sobre como o machismo se manifesta nas escolas. Contudo, um estudo conduzido por Bukowitz, Coelho & Zanello (2011) sobre xingamentos entre adolescentes em Brasília, ilustra como o machismo se manifesta na linguagem utilizada pelos jovens. Os xingamentos considerados mais ofensivos para homens e mulheres se ancoram em valores tradicionais de gênero. Para os homens, os piores insultos frequentemente se referem à passividade sexual ("*veado*") e a traços de caráter e status de sucesso ("*fracassado*", "*pobre*"). Já para as mulheres, os insultos mais ofensivos estão ligados à atividade sexual ("*puta*") e a traços de caráter relacionais esperados.

Em relação às discriminações e práticas machistas reproduzidas e enfrentadas por crianças e adolescentes no ambiente escolar, a instituição inglesa UK Feminista em parceria com a *National Education Union*, realizou o estudo "*It's Just Everywhere*" ("Está em Todos os Lugares", em tradução livre) para capturar as principais manifestações deste fenômeno na experiência e visão de alunas, alunos e corpo docente.

O estudo demonstrou que o assédio sexual, definido como atitudes verbais, não verbais ou físicas, é uma violência presente nas escolas, tendo como principais alvos as meninas (37% delas relataram terem sofrido assédio sexual nas escolas, em contrapartida, apenas 6% de meninos afirmam terem sofrido com esta violência). Para muitos dos participantes, esta violência é a norma de convívio. O relatório destaca que assédio sexual acarreta impactos negativos na confiança e autoestima das meninas. Para alunas e professores, como resultado do assédio sexual, as meninas aprendem a ocupar menos espaço e a se posicionar em cantos de corredores, pátios e salas de aula. Esta violência as afeta de tal modo que as meninas tendem a adotar estratégias para evitar serem notadas ou chamar atenção indesejada, mesmo que para isso tenham que perder a atenção positiva e o reconhecimento de suas conquistas.

4.2. Causas Sistêmicas

4.2.1. Fatores históricos

Como mencionado anteriormente, Lerner (2019) explica que em certo momento do processo histórico, um número limitado de diferenças biológicas comprovadas entre os sexos foi demasiadamente exagerado por interpretações culturais e, por isso, o valor dado às diferenças sexuais é, por si só, um produto cultural. Neste sentido, Zanello (2020) afirma que não se trata de negar as diferenças corporais que existem naturalmente entre homens e mulheres, mas sim de chamar a atenção que de certas diferenças foram eleitas em determinado momento histórico para subalternizar as mulheres.

Para iniciar a análise histórica, Gerda Lerner parte de uma suposição básica: a de que homens e mulheres construíram a civilização em conjunto. Ao partir desta premissa, que tem o objetivo de levantar razões multifatoriais e não uma origem de causa única, Lerner (2019) busca explicar principalmente como se deu a participação da mulher na construção do sistema que a subjuga, questão central discussão em sua visão.

Lerner (2019) explora a busca pela história do *sistema patriarcal*, ou seja, esta hierarquia entre homens e mulheres baseada centralmente no desequilíbrio de poder que gera a supremacia masculina e a opressão das mulheres. Para a autora, o ponto central é que ao dar historicidade a este sistema, bem como ao afirmar que suas funções e manifestações mudam ao longo do tempo, é romper com a ideia arraigada que mistificou o patriarcado como um evento determinístico, a-histórico, eterno, invisível e imutável.

Na perspectiva de causas sistêmicas, mudanças em oportunidades sociais e educacionais disponíveis às mulheres, nos séculos XIX e XX, possibilitou que inúmeras delas enfim fossem capazes de avaliar de forma crítica o processo pelo qual as próprias ajudaram a forjar e manter o sistema. Lerner (2019) afirma que foi essa capacidade crítica que oportunizou conceituar o papel das mulheres na história e criar, assim, uma consciência para libertação tanto de mulheres quanto de homens das consequências indesejáveis do sistema de dominância masculina.

> Ao abordar essa pesquisa como historiadores, precisamos abandonar explicações de causa única. Devemos presumir que, se e quando eventos ocorrem de forma simultânea, eles não têm necessariamente relação causal. Devemos presumir a possibilidade de que mudanças tão complexas quanto uma alteração básica nas estruturas de parentesco ocorreu como resultado de uma variedade de forças em interação. (LERNER, 2019, p. 63)

Investigar as causas da origem da dominação masculina nas áreas que são importantes para os homens é também entender que a posição das mulheres esteve sujeita a mudanças ao longo do tempo.

Divisão Sexual do Trabalho

Para Lerner (2019), a primeira divisão sexual que aconteceu nas sociedades primitivas decorreu de uma perspectiva funcional, satisfatória para ambos os sexos, uma divisão inicial do trabalho, motivada por uma necessidade de sobrevivência da espécie, segundo a qual as mulheres realizavam a função materna. Com a infância dos bebês bastante prolongada, as mães amamentavam seus filhos por dois ou três anos.

> [...] a mais antiga divisão sexual do trabalho, segundo a qual as mulheres escolheram ocupações compatíveis com a maternidade e a criação dos filhos, era funcional, por isso satisfatória tanto para homens quanto para mulheres. (LERNER, 2019, p.68)

Assim, nas sociedades primitivas, Lerner (2019) afirma que com a baixa expectativa de vida da humanidade, é razoável teorizar que as mulheres precisavam ter mais gestações do que partos bem-sucedidos e que era absolutamente necessário para a sobrevivência do grupo que a maioria das mulheres dedicasse a vida adulta a engravidar, ter filhos e amamentar. Esta realidade se manteve assim durante milênios, sem que houvesse alternativa.

Dessa forma, a autora conclui que a primeira divisão sexual do trabalho, pela qual homens caçavam grandes animais e mulheres e crianças caçavam pequenos animais e coletavam alimentos, parece ter se originado de diferenças biológicas entre os sexos.

Um ponto importante enfatizado por Lerner (2019) é que a aceitação de uma “explicação biológica” só é aplicável aos primeiros estágios do desenvolvimento humano, ou seja, é algo contingente e situacional, que não deve ser entendido como “natural”. A sua contribuição fundamental está em demonstrar a dominância masculina como um fenômeno histórico, uma vez que *teve origem* de um fato biologicamente determinado e *tornou-se* uma estrutura criada e transformada em norma social ao longo do tempo.

Comércio de Mulheres e Propriedade Privada

Lerner (2019) defende a teoria do antropólogo Claude Lévi-Strauss de que o comércio das mulheres é a principal causa da subordinação feminina.

> A relação total de comércio que constitui o casamento não é estabelecida entre um homem e uma mulher [...], mas entre dois grupos de homens, e a mulher representa apenas um dos objetos na transação, não uma das partes. (LÉVI-STRAUSS, (1969) apud LERNER, (2019), p.73)

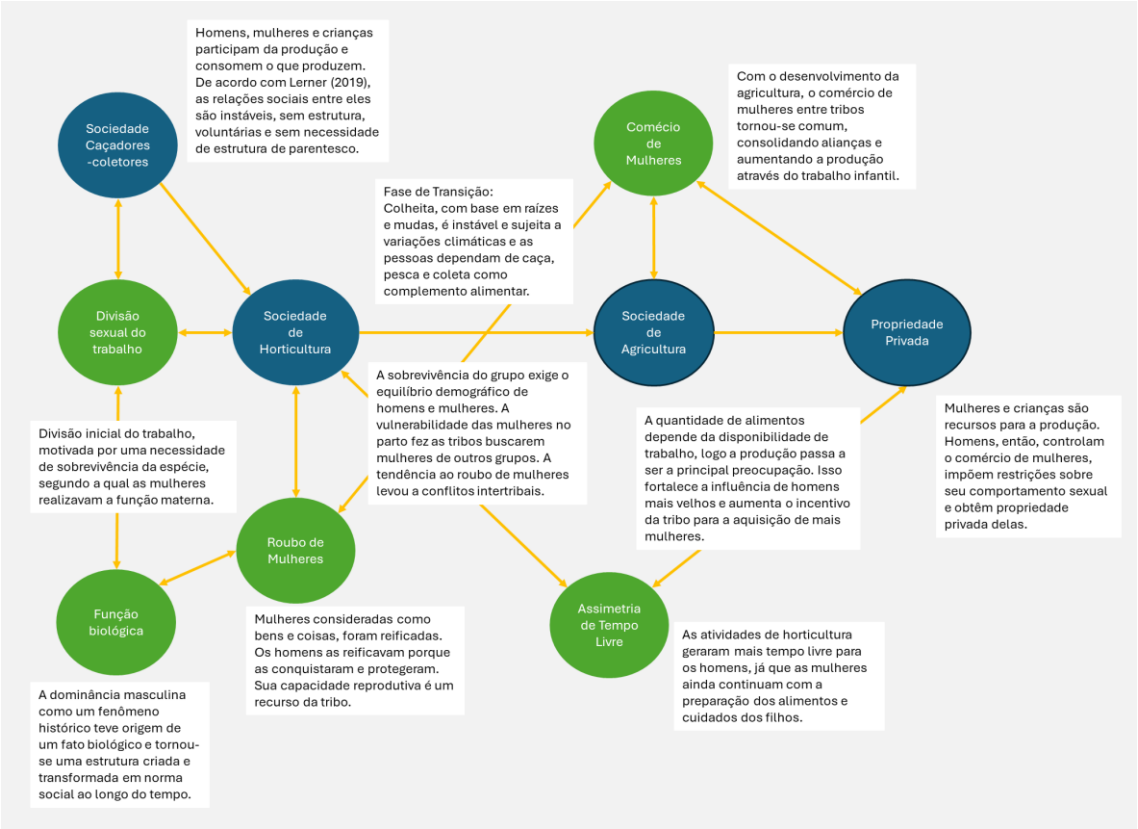
Lerner (2019), argumenta que a comercialização de mulheres aconteceu como uma inovação cultural, o casamento fora da tribo de origem, fato que surgiu como uma vantagem evolutiva. Além disso, a autora recorre à teoria da existência de um desejo instintivo nos seres humanos de controlar a população para a “densidade ideal”. Para isso, o controle populacional tornou obrigatório o controle sobre a sexualidade feminina.

Para explicar a razão pela qual mulheres foram objeto de comércio e não os homens, Lerner (2019) argumenta que o ponto central é a fidelidade e comprometimento delas com a nova tribo. Para ela, mulheres seriam mais facilmente coagidas e *“uma vez casadas ou mães, seriam leais aos filhos e aos parentes dos filhos, e assim criaram laços fortes com a tribo de afiliação*” (LERNER, 2019, p.75).

Com o desenvolvimento da agricultura, o comércio de mulheres entre tribos tornou-se comum, consolidando alianças e aumentando a produção através do trabalho infantil. As mulheres passaram a ser vistas como um recurso, controladas pelos homens, o que levou ao acúmulo de propriedade privada.

Assim, a apropriação pelos homens da capacidade sexual e reprodutiva das mulheres, para a autora, ocorreu antes da formação da propriedade privada e da sociedade de classes e o comércio das mulheres é o início do estabelecimento da propriedade privada.

Figura 5 - Esquema de Causas Sistêmicas: De que forma a dominação masculina, como fenômeno histórico, teve origem em um fato biologicamente determinado e se tornou em uma estrutura, baseado em Lerner, 2019.



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Lerner (2019) também acredita que outro fator, advindo das atividades de horticultura, pode ter contribuído para o desenvolvimento da propriedade privada: a distribuição assimétrica de tempo livre, já que eram mais produtivas do que a coleta de subsistência. A assimetria se dava uma vez que homens se beneficiam do tempo livre mais do que mulheres, pois as atividades de preparação de alimentos e a criação dos filhos continuavam a cargo delas. Assim, a autora teoriza que o homem podia usar o seu tempo livre para

desenvolver habilidades artesanais, iniciar rituais para aumentar seu poder de influência e controlar os excedentes. A autora tem sempre a preocupação de ressaltar que, para ela, os fatos se desenvolveram de certa maneira, causando determinadas consequências, sem que nem homens nem mulheres planejassem e "*a função biológica da mulher a torna mais adaptável para esse novo papel de fantoche, criado pela cultura"* (LERNER, 2019, p.75).

Depois disto, a autora teoriza que os estados arcaicos se beneficiaram da forma de organização da família patriarcal e a subordinação sexual das mulheres foi institucionalizada já nos primeiros Códigos Penais. Adicionalmente, os homens aprenderam a exercer dominação e a hierarquia sobre outras pessoas praticando com mulheres do próprio grupo. Lerner (2019) defende que escravização começou com mulheres sendo escravizadas.

Com estes fatos, Lerner (2019) tem o objetivo de demonstrar uma distinção entre necessidade biológica, à qual tanto homens quanto mulheres foram submetidos e se adaptaram, e hábitos e instituições construídos culturalmente, que colocaram à força mulheres em papeis subordinados. Para ela, as mulheres inclusive concordaram com uma divisão sexual do trabalho, que em algum momento as colocaria em desvantagem, sem poder prever as consequências posteriores. Além disso, em dado momento, a cooperação das mulheres com o sistema foi garantida por meio da força, da dependência econômica, dos privilégios de classe e da divisão criada de modo artificial entre mulheres respeitáveis e não respeitáveis.

Ao longo do tempo, estas atribuições foram se consolidando e a ideia do binarismo de gênero, que se baseia na divisão sexuada do trabalho, se consolida junto com o capitalismo (Nicolodi & ZANELLO, 2023), sendo conferido ao homem os espaços públicos e à mulher o espaço doméstico, ou privado, importante fator para as desigualdades sociais, assim:

> [...] o lugar específico para algumas mulheres era o da família nuclear e o lar burguês, e com isso, os ideais sobre o que é ser mulher se pautavam na engrenagem de uma vida predestinada ao casamento, à maternidade e aos ideiais de domesticidade (Nicolodi & Zanello, 2023, p.284).

4.2.2. Fatores Sociais

Segundo Castañeda (2006), o machismo não é apenas um traço do caráter, mas uma forma de relação que se manifesta no contato com outras pessoas, ou seja, em um contexto interpessoal. Neste sentido, a autora explica que o machismo não engloba apenas uma série de valores, crenças e costumes, nem é um atributo pessoal dos indivíduos. O machismo se expressa como uma relação baseada numa certa manipulação do poder, que reflete desigualdades reais nos âmbitos social, econômico e político.

Diante disto, é possível entender a razão pela qual em uma sociedade machista, todas as pessoas, homens e mulheres, produzem e reproduzem comportamentos machistas. Para a autora, o machismo é, portanto, uma forma de relação que todos nós aprendemos desde a infância, é como a moeda corrente em todas as nossas interações, e assim permanecerá enquanto não desenvolvermos outras maneiras de nos relacionar.

4.2.3. Fatores Políticos

Já que o machismo não se manifesta na solidão, mas sim na relação com o outro, para Castañeda (2006), este assunto tem papel central em nossa vida pública:

> [o machismo] atravessa a estrutura e o funcionamento de nossas instituições; injeta seus valores em nosso debate político e social; tem um impacto enorme nas dinâmicas populacionais do país, na educação e na divisão do trabalho. Permeia todas as relações familiares, sociais, profissionais, econômicas. (CASTAÑEDA, 2006, p. 24)

Para a autora o machismo chega a ser uma das facetas do autoritarismo e pode sim dificultar o desenvolvimento de uma democracia plena. Na época da publicação de sua obra, ela defendia que para a transição democrática de seu país, o México[11], era necessário não apenas mudanças profundas nas

[11] A título de nota, ressalta-se que no momento da elaboração do presente trabalho, o México é governado pela primeira vez por uma mulher.

instituições políticas e nas formas de governar, mas também uma transformação completa na maneira que as pessoas se relacionam umas com as outras.

A justificativa que a autora traz é que, para ela, os valores da democracia, da inclusão, do respeito à diversidade, do debate aberto e da análise crítica, dependem de relações sociais baseadas na equidade, não sendo possíveis de serem exercidos em sua plenitude diante de uma estrutura sustentada por valores machistas: "*assim, o fato de que as mulheres participem cada vez mais da vida pública não bastará para mudar o quadro se as formas tradicionais de poder associadas ao machismo permanecerem de pé*" (CASTAÑEDA, 2006, p.24)

4.2.4. Fatores econômicos

Em sua obra, Castañeda (2006) também explica que os países que promovem os direitos das mulheres e facilitam o acesso delas à educação e à riqueza estão menos sujeitos à pobreza e à corrupção, têm uma produtividade mais elevada e um crescimento econômico maior: "

> Quando se reduzem as diferenças entre homens e mulheres em áreas como a educação, o emprego e direitos de propriedade, as taxas de desnutrição infantil e a mortalidade diminuem (CASTAÑEDA, 2006, p. 286).

A autora segue defendendo que os efeitos desta distribuição de poder e acesso se estende a percepções positivas de aumento da transparência e da honestidade, tanto no setor público, quanto privado. Também há melhor funcionamento nos sistemas de saúde e de educação, após o fomento da participação de mulheres.

Para sustentar seus argumentos a autora, traz alguns dados do Banco Mundial: por exemplo, na África, foi estimado que facilitar o acesso das mulheres da zona rural à educação, à propriedade da terra e ao uso de fertilizantes aumentaria em 20% a produtividade agrícola do continente, e microcréditos concedidos às mulheres, em Bangladesh, aumentam mais a renda familiar, do que quando são concedidos a homens (CASTAÑEDA, 2006).

4.3. Perspectiva Global/ Discurso

A terceira camada da metodologia de Análise de Camadas Causais é a “Perspectiva Global/Discurso". Nesta etapa, são analisadas as crenças, valores e pressupostos culturais compartilhados que sustentam o machismo. Para construir esta camada, recorre-se ao conceito que Teresa de Laurentis (1987), apresenta como "*tecnologia de gênero*". Em sua obra, a autora reforça a compreensão do caráter não natural do “gênero”, sendo este construído e reforçado por uma rede complexa de discursos e práticas culturais. É a partir desta compreensão que se torna possível o questionamento e a transformação das crenças e práticas machistas profundamente enraizadas na sociedade. Este processo de desnaturalização do conceito de gênero, como proposto por Lerner (2019), se revela fundamental para reconhecer o patriarcado não como uma ordem imutável, mas como um sistema histórico com um princípio e, portanto, com a potencialidade de ser superado. Vale ressaltar que este conceito é muito bem explorado pela pesquisadora brasileira Valeska Zanello, cujas obras também são referenciadas neste trabalho.

De Laurentis (1978) define o conceito de gênero, distinto do sexo biológico, como o resultado de múltiplos "aparatos tecnológicos sociais". Tecnologia de gênero é, então, um conjunto de discursos, representações, códigos linguísticos e práticas sociais que atuam na modelagem da subjetividade dos indivíduos em relação ao que é esperado do que é ser homem ou ser mulher e a partir dos quais as noções de masculinidade e feminilidade são produzidas, reproduzidas e naturalizadas de forma recorrente. O termo "tecnologia", é empregado justamente para destacar o caráter construído e artificial do gênero, em contraste com a ideia do que seria uma decorrência direta do sexo biológico.

O machismo, então, se beneficia e se retroalimenta dessa tecnologia. Através do discurso da mídia, do cinema, da ciência, da psicanálise, das práticas da vida cotidiana, tais como brinquedos e brincadeiras, xingamentos, (ZANELLO, 2018, p.44) são criadas normas e expectativas de gênero hegemônicas.

Castañeda (2006) apresenta em sua obra as formas sutis pelas quais o machismo se expressa tanto nas interações verbais, quanto nas não verbais. Estes traços culturais se manifestam nos costumes, nos gestos e nas palavras do cotidiano, permeando a comunicação, bem como as relações amorosas e familiares. A autora afirma que essa forma de relação é aprendida desde a infância e internalizada por toda a sociedade.

Para a autora, os discursos não são meros comportamentos isolados, mas sim o reflexo e a perpetuação de crenças, valores e pressupostos culturais profundamente enraizados sobre o que se acredita ser apropriado para determinado gênero ou não.

A polarização radical entre o masculino e o feminino é bem evidenciada na comunicação, além disso a crença de que homens e mulheres são essencialmente diferentes e mutuamente exclusivos molda as expectativas sobre como cada um deve se expressar e interagir. Essa dicotomia influencia desde os temas considerados apropriados para cada gênero até a própria forma de escuta (CASTAÑEDA, 2006). Um exemplo trazido pela autora é o que ela denomina como o "euísmo", uma tendência de homens de centralizar a conversa em si mesmo, bem como a desqualificação da fala alheia, especialmente falas de mulheres.

A autora também afirma que, em nossa sociedade, cabe aos homens decidir quais são os temas permitidos ou não, muitas vezes de forma não intencional, apenas seguindo os papéis e as regras já estabelecidas. Por exemplo, às mulheres cabem temas como: afazeres domésticos, sentimentos, relações, moda, beleza e cuidados; já para os homens, os temas exclusivos podem ser política, dinheiro, futebol e tecnologia. Aos homens é conferido não apenas o poder de decidir sobre o que se fala, mas também com quem certos temas podem ser tratados, em que contexto, e de que maneira.

Ainda nesta dimensão, MONTEIRO & ZANELLO (2015) apontam como a mídia, em suas mensagens, reforça e influencia padrões de gênero através de animações infantis. Desenhos animados estudados pelas autoras são poderosas ferramentas de discurso que expõem constantemente representações sociais e expectativas diferenciadas para homens e mulheres.

Em seu artigo, as autoras mostram como canções e cenas de filmes como “Cinderela” e “Mulan”, clássicos da Disney, vinculam mulheres a atividades como cozinhar, costurar e cuidar da casa. Em um exemplo apresentado, em uma das músicas do filme “Mulan”, os soldados cantam idealizações de esposas que cozinham com destreza e cuidam de seus ferimentos, ilustrando a crença cultural de que essas são atribuições naturais do sexo feminino. Esta mesma canção, reforça a desvalorização das capacidades intelectuais femininas em favor de habilidades domésticas.

Em outra animação analisada pelas autoras, o que está em voga é a imposição do silêncio e a desqualificação da fala das mulheres. Em “A Pequena Sereia”, Ariel sacrifica sua voz para ir atrás de um príncipe que ela viu uma única vez. Essa constante representação da mulher em silêncio ou com sua voz desvalorizada internaliza a crença de que a opinião e a expressão feminina são menos importantes do que a masculina.

Assim, uma das ferramentas de reafirmação, construção e reconstrução, utilizada nestas animações, é o chamado "dispositivo amoroso": um conjunto de regras não escritas, crenças e expectativas culturais que dizem que o amor romântico e o casamento com um homem são a coisa mais importante é o principal objetivo para as mulheres, que transmite a mensagem central de que o sucesso e a felicidade das mulheres acontecem somente quando são amadas e escolhidas por um homem (MONTEIRO & ZANELLO, 2015).

4.4. Mitos e Metáforas

A quarta camada da metodologia da Análise de Camadas Causais, Mitos e Metáforas, representa as narrativas culturais profundas e as representações simbólicas basilares que sustentam determinado problema. Na perspectiva do machismo, podemos identificar diversos mitos e metáforas que perpetuam este sistema de crenças e valores. Esta camada mais profunda atua frequentemente de maneira implícita e naturalizada, tornando o machismo "invisível", como um processo natural, reforçando a sensação de que “sempre foi assim” ou “*boys will be boys*”. A seguir, apresentamos alguns mitos e metáforas que sustentam o machismo.

O mito do "*homem de verdade*" transmite a ideia de que homens precisam provar sua masculinidade reiteradamente, como se o fato de pertencer ao sexo masculino não fosse suficiente (CASTAÑEDA, 2006), apontando para um ideal de masculinidade única e idealizada.

Muitos mitos se respaldam na "*natureza biológica masculina*", que justificam as manifestações machistas, a distribuição desigual de poder entre homens e mulheres, bem como privilégio e opressões, como consequências provenientes da biologia, da teoria da evolução e da psicanálise. Além disso, estes mitos trazem as alegações de que traços como a agressividade e a busca por conquistas sexuais são inerentes à natureza masculina. De igual forma, há o mito da subordinação feminina como algo natural e universal, defendido por perspectivas tradicionalistas. Assim, os mitos de que a assimetria entre os sexos é predeterminada por fatores biológicos ou mesmo divinos busca legitimar a hierarquia de gênero como uma ordem natural e imutável (CASTAÑEDA, 2006).

O mito da força física, por exemplo, é um deles e se sustenta sobre o argumento de que homens são mais fortes que mulheres, e, portanto, esta seria a razão da dominação de homens sobre as mulheres. É um fato que, em média, o homem é 10% mais alto que a mulher, pesa 20% a mais e tende a ser 30% mais forte, possui uma quantidade maior de glóbulos vermelhos, logo uma oxigenação melhor, e mais testosterona, o que ajuda a criar e manter a massa muscular. Contudo, é importante ressaltar que a força menor das mulheres nunca as impediu de realizar trabalhos pesados: Castañeda (2006), defende que em muitas sociedades em desenvolvimento, elas carregavam água, forragem e realizam as tarefas agrícolas assim como os homens. Essa igualdade de força empregada no trabalho foi acentuada com a Revolução Industrial e evidenciada a partir da Segunda Guerra Mundial, assim "*a história do último século demonstra que as mulheres podem trabalhar em qualquer campo com um desempenho similar ao dos homens*" (CASTAÑEDA, 2006, p.34).

Outro mito que busca se sustentar em explicações biológicas é a "teoria hormonal" em que homens são justificados como machistas porque são psicologicamente diferentes das mulheres, impactados por seus hormônios. Durante muito tempo, relacionou-se as produções de hormônios de homens e mulheres, com suas diferentes aptidões, necessidades e gostos. A partir da

descoberta da existência de hormônios masculinos e femininos em ambos os sexos, ainda que em quantidades diferentes, as explicações começaram a se complicar, porque passou a ser necessário falar não de contrastes absolutos, mas de diferenças relativas (CASTAÑEDA, 2006, p.37).

A filosofia, a psicanálise e a religião também se ancoraram em diversas metáforas que como apresenta Lerner (2019): "*expressaram o homem como norma e a mulher como desvio; o homem como completo e poderoso, a mulher como inacabada, mutilada e sem autonomia*" (LERNER, 2019, p. 275).

Por fim, a metáfora do homem como sujeito universal constitui um erro conceitual de grande alcance, segundo Lerner (2019). Ao universalizar o masculino como sinônimo de humano, as experiências e perspectivas femininas são marginalizadas e invisibilizadas, perpetuando a centralidade do homem no discurso e na construção do conhecimento:

> ao fazer com que o termo "homem" incluísse "mulher", atribuindo-lhe a representação de toda a humanidade, os homens criaram um erro conceitual de grandes proporções em todo o seu pensamento. Tomando a metade pelo todo, não apenas deixaram escapar a essência do que quer que estivessem descrevendo, mas distorceram-na de tal maneira, que não conseguiram vê-la do modo correto. (LERNER, 2019, p.275)

4.5. Sistema complexo

Para Mitchell (2006), não há uma definição formal para sistemas complexos e, como sugere o termo, são tipicamente difíceis de entender. Para a autora, definições informais sustentam que sistema complexo é uma ampla rede de (i) componentes relativamente simples sem controle central, na qual um (ii) comportamento emergente é demonstrado, sendo que:

(i) o componente sozinho é relativamente simples, ou pelo menos seu papel funcional dentro do sistema o é, se comparado ao comportamento coletivo do sistema;

(ii) a noção de "emergente" se refere ao fato de o comportamento global do sistema ser não apenas complexo, mas emerge de ações coletivas dos componentes simples, assim a relação entre as ações individuais

e o comportamento coletivo não é trivial, bem como o todo é maior do que a soma das partes.

A sociedade e as redes sociais humanas são consideradas sistemas complexos, então entender o machismo, enquanto este sistema de crenças, atitudes e condutas, como está inserido neste sistema pode proporcionar novas abordagens e formar de enfrentar este problema.

Para contribuir com a desconstrução desta estrutura, que afeta tanto homens quanto mulheres, este trabalho propõe uma abordagem que atue em uma das instituições presentes nesta rede complexa: as escolas. Isto porque o machismo, é aprendido e reproduzido socialmente, ou seja, "*uma verdadeira pedagogia afetiva que ensina aos meninos que, para ser homem, há que se repudiar as mulheres e as características femininas.*" (ZANELLO, 2020, p.81).

Está claro, portanto, que o machismo não é um atributo inato, mas sim uma construção social que se transmite de geração a geração através da família, da escola e da cultura em geral, quando, desde cedo, meninos e meninas são socializados em papéis de gênero distintos e complementares, internalizando crenças sobre o que significa ser homem e ser mulher. É uma forma de relação que todas as pessoas aprendem desde a infância e que se infiltra em todas as interações pessoais (CASTAÑEDA, 2020).

Nesse contexto, a escola, como um espaço de socialização, interação e formação de identidades, torna-se um local estratégico para questionar e desconstruir esses vieses desde a infância.

O estudo de 2017 conduzido pela UK Feminista em parceria com a National Education Union, "*It's Just Everywhere*", afirma que a desigualdade de gênero, presente em todos os aspectos de nossa sociedade, também se faz presente no sistema educacional. O relatório revela que assédio sexual, a linguagem machista e estereótipos de gênero são práticas comuns, rotineiras e aceitas em escolas, porém não são devidamente reportadas ou abordadas, devido à normalização, a falta de confiança no sistema e a ausência de políticas e formação adequadas do corpo docente. O estudo aponta que escolas são ambientes centrais onde comportamentos machistas são aprendidos, cultivados e experimentado por alunos e alunas. Para os autores do relatório, a

compreensão e o enfrentamento de práticas machistas nas escolas são passos fundamentais para pôr um fim na desigualdade de gênero em toda a sociedade. Neste sentido, o estudo aponta que é necessário dar visibilidade às atitudes machistas que dão origem a padrões repetitivos de experiências dolorosas que mulheres e meninas enfrentam rotineiramente.

5. ABORDAGEM PROPOSTA

5.1. Definição da Abordagem

Após apreciação das literaturas mencionadas, tornou-se claro que o fenômeno do machismo se caracteriza por um problema complexo, enraizado culturalmente em nossa sociedade, e pode ter algum avanço a partir de intervenções no ambiente escolar.

A partir desta constatação, o presente trabalho deparou-se com as seguintes questões:

1. Quais são os aspectos relevantes deste ambiente escolar que contribuem para a perpetuação do problema?
2. Que tipo de abordagem ou solução poderia contribuir para realizar uma mudança nestes aspectos, de forma a reduzir ou eliminar esta perpetuação?

5.1.1. Aspectos do ambiente escolar relevantes para o problema

Para responder a primeira pergunta, além das literaturas já mencionadas, contou-se com duas principais referências.

A primeira delas foi o documentário “No More Boys and Girls”, da emissora inglesa BBC Two, de 2017. Ele mostra a trajetória de Dr. Javid Abdelmoneim ao aplicar um experimento de seis semanas com uma turma do terceiro ano da escola primária Lanesend, na Ilha de Wight, Inglaterra. Esta turma era composta por vinte e três alunos de sete anos de idade, nascidos entre 2008 e 2009, mesma época em que o Reino Unido estava desenhando o “*Equality Act*” ou Ato de Igualdade (que seria, então, implementado em 2010), uma das legislações

mais abrangentes do mundo relacionadas ao combate à discriminação de gênero.

O principal objetivo de Abdelmoneim foi verificar se conseguiria, aplicando um tratamento mais igualitário possível em relação a gênero no período do experimento, reduzir lacunas nos resultados de medições de uma série de indicadores psicológicos importantes com as crianças, desde autoconfiança até percepção espacial, por exemplo.

> Chocado com as opiniões polarizadas das próprias crianças sobre como meninos e meninas devem viver suas vidas, o Dr. Javid encomenda à Dra. Stella Mavroveli, do Laboratório de Psicometria do University College London, uma avaliação do comportamento e traços psicológicos entre meninos e meninas, desde confiança até autoestima, empatia e habilidades sociais. Perturbado pelos resultados, o Dr. Javid elabora uma série de intervenções tanto em sala de aula quanto em casa para abordar essas diferenças. (NO MORE BOYS AND GIRLS: CAN OUR KIDS GO GENDER FREE. Outline Productions. Londres, 2017.)

A premissa de Abdelmoneim para acreditar que poderia gerar algum impacto com seus experimentos nesta escola foi tomada com base em conversas com a Dra. Gina Rippon, uma das especialistas inglesas mais reconhecidas no campo de neuroimagem. Ela explica que, biologicamente e anatomicamente, a estrutura do cérebro de meninos e meninas não apresenta diferenças significativas. Por outro lado, o cérebro é muito plástico e moldável, o que faz com que seu desenvolvimento seja muito variável de acordo com as experiências humanas. Isto demonstra que as diferenças que existem nestes órgãos de meninos e meninas estão muito mais relacionadas à avalanche de rosa *versus* azul que a sociedade instantaneamente provê a eles do que por motivos naturais. Estas descobertas levaram Abdelmoneim a acreditar que novas experiências ainda poderiam alterar o mindset deste grupo de crianças.

Além disso, ele menciona que pesquisas da Universidade de Standford mostram que a faixa de sete anos é uma idade em que as crianças começam a ter ideias mais fixas sobre as diferenças entre homens e mulheres, mas não tão fixas que não possam mais ser alteradas.

Antes da aplicação das intervenções do Dr Javid Abdelmoneim, testes aplicados pela Dra. Stella Mavroveli levantaram dados dos meninos e das meninas participantes do experimento nas seguintes dimensões:

- Níveis de autoestima;
- Compreensão e níveis de empatia;
- Assertividade;
- Capacidade de resistir a impulsos;
- Capacidade de descrever emoções.

Os resultados iniciais mostraram que as meninas subestimavam significativamente sua inteligência, possuíam menos autoestima e autoconfiança, enquanto os meninos superestimavam sua inteligência e não pareciam conseguir expressar suas emoções, com exceção da raiva.

Importante ressaltar que para comparar os resultados e finalmente definir se as intervenções utilizadas foram efetivas, uma outra turma com as mesmas características do grupo de estudo foi utilizada como grupo de controle.

A seguir, um quadro resumo apresenta as intervenções feitas por Abdelmoneim para o documentário.

Quadro 2 - Quadro resumo das intervenções realizadas na turma de alunos para o documentário "No More Boys and Girls" da BBC Two

Atividade/ experimento	**Objetivo**	**Método**
Reestruturação do ambiente na sala de aula	Reforçar similaridades e reduzir reforços às diferenças entre meninos e meninas	Inclusão de placas com mensagens nas paredes (ex.: meninos são sensíveis, meninas são sensíveis, meninos são fortes, meninas são fortes)
Alteração da forma de direcionar perguntas a alunos	Eliminar o risco de o professor dar mais voz aos meninos do que para as meninas	Seleção aleatória de bolinhas coloridas com os nomes dos alunos
Alteração da forma de se referir aos alunos	Reforçar similaridades e reduzir reforços às diferenças entre meninos e meninas	Orientação ao professor para chamar meninos e meninos de formas mais igualitária, eliminando termos sexistas como “querida (*darling*)”, para meninas, e “parceiro (*pawl*)”, para meninos. Alunos e alunas foram convidados a contar e marcar nas paredes de todas as vezes que estes termos fossem utilizados.

Atividade/ experimento	Objetivo	Método
Reestruturação do ambiente na sala de aula	Reforçar similaridades e reduzir reforços às diferenças entre meninos e meninas	Pintura dos armários e eliminação da separação entre os espaços de meninos e meninas nos armários.
Atividade sobre aspirações e crenças sobre profissões	Possibilitar com que qualquer criança possa aspirar a qualquer profissão	Alunos e alunas foram convidados a desenhar algumas profissões. Depois houve o encontro com mulheres cujas profissões normalmente consideradas masculinas e homens cujas profissões normalmente consideradas femininas. Importante ressaltar que estas diferenças na percepção das profissionais, por vezes, manifestam a valoração que se dá para cada profissão, por exemplo, as profissões ligadas aos cuidados, mais relacionadas às mulheres, são vistas como triviais.
Atividades de consciência espacial	Reduzir gap entre a capacidade de meninos e meninas em consciência espacial	Brincadeira com quebra-cabeça do tipo "*tangram*"
Experimento com bebês e adultos que não os conhecem	Demonstrar como os adultos reforçam os papeis sociais dados a meninas e meninos na escolha das brincadeiras oferecidas às crianças	Vestimenta de bebês meninas com roupas normalmente usadas por meninos e vice-versa, disposição de diversos brinquedos em um espaço e orientação para que um adulto brinque com aquele bebê
Revisão dos livros infantis disponíveis para os alunos lerem	Reduzir acesso das crianças a conteúdos com estereótipos de gênero e que reforçam as expectativas sociais para meninas e meninos	Inclusão de mais livros com protagonistas femininas, redução de livros com personagens masculinos agressivos e personagens femininas vítimas, por exemplo.
Desafio físico de força	Reduzir percepção de que meninos são mais fortes que meninas e aumentar autoestima das meninas.	Orientação para as crianças se ordenarem do mais forte para o mais fraco e para cada um prever seu resultado no jogo do martelo de força, depois cada um executa três tentativas no jogo
Revisão do ambiente no lar	Reduzir estímulos de agressividade aos meninos e vaidade/culto à imagem às meninas	Visita à casa de alguns dos alunos, pedindo aos pais a jogarem alguns brinquedos fora e dando novos brinquedos com embalagens que reduzem a percepção das diferenças entre meninos e meninas.
Reflexão sobre mensagens passadas nas roupas	Reduzir estímulos de agressividade aos meninos e vaidade/culto à imagem às meninas	Análise de sites de lojas infantis e roupas disponíveis, criação de outras roupas com mensagens mais explícitas e provocações com pais e filhos

Atividade/ experimento	Objetivo	Método
Deveres de casa para as figuras parentais	Envolver as famílias na redução dos estímulos de estereótipos de gênero	Orientação aos pais para que preencham com seus filhos algumas folhas com atividades, como associações de palavras e redistribuição de tarefas domésticas.
Revisão do ambiente no lar	Reduzir associações mentais enviesadas das crianças sobre o que seus pais ou mães devem fazer em casa	Atividade na praia em grupos simulando tarefas de casa, como construir uma fogueira ou preparar um piquenique
Revisão das atividades recreacionais e hobbies	Aumentar integração dos alunos e reduzir exclusão das meninas em esportes (futebol principalmente)	Jogo de futebol na praia com times mistos

Fonte: Elaborado pelas Autoras

Cada experimento foi feito de forma a envolver as crianças em sua aplicação, fazendo com que as atividades fossem divertidas e apelativas para elas, e com que elas se sentissem parte daquela mudança.

Após estas intervenções, os testes da Dra. Stella Mavroveli foram repetidos e apresentaram os seguintes resultados:

Quadro 3 - Resultados das intervenções realizadas para o documentário "No More Boys and Girls" da BBC Two

Dimensão Analisada	Resultado
Diferença na autoconfiança entre meninas e meninos	No início do experimento, a diferença nos níveis de autoconfiança entre meninas e meninos era de 8%. Após as intervenções, essa diferença foi reduzida para apenas 0,2%.
Comportamento pró-social dos meninos	Houve um aumento de 10% no comportamento pró-social dos meninos, indicando uma melhoria na gentileza e cooperação com os outros.
Melhoria na identificação de emoções pelos meninos	Os meninos mostraram uma melhoria significativa na capacidade de identificar e expressar emoções, contribuindo para um ambiente mais simpático e compreensivo.
Aumento na automotivação das meninas	Observou-se um incremento de 12% na automotivação das meninas, indicando maior iniciativa e determinação nas atividades escolares
Precisão das meninas ao prever seus próprios resultados	As meninas tornaram-se 40% mais precisas ao prever seus próprios desempenhos em testes, refletindo um aumento na autoconfiança e na autoavaliação.
Redução de comportamentos inadequados entre meninos	Os comportamentos inadequados observados nos meninos diminuíram em 57%, sugerindo uma melhoria significativa na disciplina e no comportamento geral.
Desempenho em testes de consciência espacial	Após as intervenções, a composição dos 10 melhores alunos nos testes de consciência espacial tornou-se equilibrada, com 5 meninos e 5 meninas, evidenciando a eliminação de disparidades de gênero nessa habilidade.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Desta forma, o documentário, além de demonstrar que existe a possibilidade de mudança nas crenças das crianças em relação aos papéis de gênero, explicita uma série de aspectos relevantes que tangibilizam os vieses de gênero no dia a dia escolar, a depender de como são feitos/conduzidos nas instituições de ensino.

A segunda referência utilizada para contribuir com o entendimento destes aspectos relevantes ao problema no ambiente escolar foi um encontro realizado com professoras e coordenadoras de escolas do Rio de Janeiro. O encontro foi proporcionado pelas autoras como forma de conhecer as vivências destas profissionais e entender melhor as manifestações do fenômeno no seu dia a dia de trabalho nestas instituições. Ele se deu em formato online, no dia 27/11/2024, e contou com a presença e contribuição de Yara Ligiéro (professora de artes da Escola Eleva), Valéria Baptista (professora de filosofia do Colégio São Vicente de Paulo) e Glória Calvente (professora e coordenadora do Ensino Fundamental II no Centro Educacional Anísio Teixeira).

A conversa foi conduzida em formato de entrevista (coletiva) semiestruturada, por meio de 4 principais perguntas-chave, a saber:

1. Quais formas de machismo e vieses de gênero observam no dia a dia?
2. O que notam sobre as famílias? Como são as interações com elas e delas com as crianças?
3. Como esse tema é trabalhado pela escola? Existem projetos ou ações neste sentido?
4. Possuem escolas e/ou práticas de referência? O que falta? O que pode ser feito?

De forma geral, a roda de conversa demonstrou que há uma evidente preocupação das professoras sobre a eliminação da desigualdade de gênero nas escolas. Todas reconheceram que há o tratamento ofensivo e sexista dos meninos com as meninas e inclusive tratamento desrespeitoso de alunos com professoras. O futebol, assim como no documentário da *BBC Two*, foi mencionado e fortemente reforçado como símbolo de um lugar de exclusão para as meninas e agressividade entre os meninos.

Na relação com a família, as mães, como era esperado, ainda são o primeiro contato, na maioria das vezes os pais acompanham quando há problemas maiores. Sentimos que as escolas que trabalhamos estão sempre apagando incêndio, atuando a partir de algum caso que já ocorreu e não de maneira estruturada e preventiva.

Em termos de referência, embora as professoras parecessem engajadas, elas não tinham nenhuma referência em mente de formas de combate à desigualdade de gênero nas escolas.

Os pontos críticos do debate foram resumidos e categorizados abaixo, conforme as 4 perguntas-chave principais:

Quadro 4 - Principais resultados da Roda de Conversa com Professoras e Coordenadoras de Escolas do Rio de Janeiro

Pergunta-Chave	Principais Respostas
Quais formas de machismo e vieses de gênero observam no dia a dia?	Influência de conteúdo machista na internet e redes sociais
	Exclusão das meninas dos esportes
	Desrespeito de meninos com professoras
	Muita agressividade entre meninos
	Tratamento sexista e ofensivo dos meninos com as meninas
O que notam sobre as famílias? Como são as interações com elas e delas com as crianças?	Quando o problema é pequeno, mães vão sozinhas. Quando é grande, vão mães e pais
	Famílias pouco atentas aos filhos conforme vão crescendo
	"A sociedade está colocando tudo nas costas da escola"
Como esse tema é trabalhado pela escola? Existem projetos ou ações neste sentido?	Esvaziamento dos grêmios e coletivos
	Ações pontuais e locais (pesquisas de filósofas, artistas etc.)
	Envolvimento de terapeuta de masculinidade tóxica
	Ações para "apagar incêndios", não possuem ações estruturantes
Possuem escolas e/ou práticas de referência? O que falta? O que pode ser feito?	Escolas japonesas onde as crianças participam do cuidar e limpar da escola

Fonte: Elaborado pelas autoras

Desta forma, a roda de conversa, apesar de ter contado com poucas participantes, também pôde trazer novos insights sobre elementos importantes neste objeto de estudo, que é o machismo nas escolas, e confirmar alguns dos entendimentos já obtidos anteriormente.

Apesar de haver aspectos muito similares entre as escolas das professoras entrevistadas e a escola do documentário No More Boys and Girls (como a presença dos vieses de gênero na forma de comunicação, nas atividades recreativas, dentre outros), estes aspectos destacaram-se como naturalizados, difíceis de ser percebidos e mais ainda alterados, tanto na roda de conversa quanto no documentário.

Um segundo ponto de similaridade entre o documentário e a roda de conversa foi a explícita necessidade do envolvimento das famílias: ao passo que o Dr Javid Abdelmoneim sentiu que não poderia atingir bons resultados sem inserir em seu projeto algumas intervenções nas casas dos alunos, as professoras entrevistadas relaram sentir que os problemas recaem muito sobre a escola, e as famílias estão ficando cada vez mais ausentes e distantes na criação de seus filhos.

Outro tópico que chamou atenção, principalmente a partir da roda de conversa, foi o fato de as professoras relatarem que as escolas estão sempre "*tentando apagar incêndios*", e não contarem com métodos estruturados e preventivos para endereçamento do problema. O documentário, por sua vez, também demonstrou que a diretora da escola da Ilha de Wight acreditava que já tinha métodos bem direcionados para proporcionar uma educação igualitária para seus alunos, mas se surpreendeu, ao final, com a necessidade latente de fazer mais sobre isso.

E, por fim, chamou muita atenção o fato de que, no documentário, ao simplesmente tomar consciência do tema da igualdade de gênero e da importância de alguns aspectos do seu dia a dia na escola, o grupo de alunos teve tantas mudanças nas diferenças nos indicadores medidos, entre meninos e meninas.

Destas considerações, tornou-se saliente a necessidade de uma solução que pudesse prover visibilidade, de forma estruturada, ao tema do machismo e a esses aspectos relevantes descobertos, ao mesmo tempo que fosse acessível para qualquer escola, para as famílias das crianças e todos as partes interessadas neste problema complexo.

5.1.2. Definição da abordagem ou solução

Para responder a segunda pergunta orientadora para a definição da abordagem do trabalho (Que tipo de abordagem ou solução poderia contribuir para realizar uma mudança nestes aspectos, de forma a reduzir ou eliminar esta perpetuação?), foi usado como base o processo metodológico do Data Thinking.

A metodologia Data Thinking surge da integração entre design thinking e ciência de dados, com o objetivo de resolver problemas complexos a partir dos dados, promovendo colaboração, cocriação e foco no usuário.

> Data Thinking pode ser definido como um conjunto de estratégias criativas que os designers utilizam durante o processo de criar novos produtos e serviços onde o princípio de trabalho é uma visão mais detalhada dos dados em cada etapa de projeto (Kronsbein & Mueller, 2019, p. 564)

O Data Thinking segue cinco etapas interativas: Perguntar, Pesquisar, Analisar/ Combinar, Visualizar/comunicar, Decidir/ Implementar, conforme Dias et al. (2022). Na primeira etapa (Perguntar), os colaboradores são estimulados a analisar criticamente o problema original e expressar perguntas de orientação. Na etapa 2 (Pesquisar), definem um plano de pesquisa para orientar a exploração dos dados. Em seguida, buscam novas relações e combinações com os dados coletados (Analisar e combinar). Na etapa 4 (Visualizar e comunicar), exercitam a visualização dos dados e a forma de representar para as partes interessadas. Por fim, em Decidir e implementar, conectam os resultados à prática, propondo plano de ação para resolver o problema. (DIAS ET AL, 2022)

Aplicando no contexto deste trabalho, na etapa “Perguntar”, em que são formuladas perguntas para orientar o trabalho de forma a elucidar o problema, foram elencadas as questões-chave "como os vieses de gênero se manifestam nas escolas?" e "que dados podem tangibilizar essas manifestações?".

A etapa “Pesquisar” envolve identificar fontes de dados relevantes e estruturá-las criticamente. Neste aspecto, além de contemplar os achados das fontes de dados exploradas no estudo até aqui apresentado, a solução proposta deveria, também, englobar a possibilidade de captação de mais fontes de dados

de stakeholders relevantes, como outros professores e escolas, além de alunos, famílias, e outras partes envolvidas.

A etapa “Analisar/combinar” prevê o cruzamento de dados para geração de insights. Ou seja, a solução proposta, além de captar dados, deve ser capaz de cruzá-los e gerar correlações e análises com base neles.

A etapa “Visualizar/comunicar” parte do princípio de que a visualização é crítica para comunicar resultados às partes interessadas, o que leva à necessidade de a solução contemplar a exposição dos dados obtidos e análises feitas nas duas etapas anteriores.

Por fim, a etapa “Decidir/implementar” prevê a conexão dos dados, análises e visualizações com decisões e ações para resolução do problema em questão. Neste trabalho, espera-se, então, que a solução permita que as partes interessadas possam tomar ações a partir do acesso às informações e insights da solução proposta.

Considerando a incorporação das cinco etapas aqui descritas, este trabalho propõe, então, a criação do “Mapa da Desigualdade de Gênero nas Escolas”.

5.2. Solução Macro

O Mapa da Desigualdade de Gênero nas Escolas se caracteriza como uma plataforma web composta por duas principais partes (externamente visíveis para o usuário): um formulário de perguntas e um dashboard com indicadores e análises calculados com base nas respostas do formulário.

O formulário, em primeiro lugar, se apresenta como o resultado concreto das dimensões e variáveis encontradas ao longo do estudo de todas as referências bibliográficas aqui citadas e durante a roda de conversa realizada com as professoras e coordenadoras, anteriormente mencionada.

Foi utilizado pelas autoras o método de brainstorming para transformar todo o conteúdo absorvido em dimensões e variáveis e, posteriormente, as variáveis foram transformadas em perguntas. As dimensões e variáveis criadas são

encontradas na tabela abaixo. As perguntas do formulário podem ser conferidas no Anexo I.

Quadro 5 - Dimensões e variáveis para avaliar a desigualdade de gênero nas escolas

Dimensão	Variável
Representatividade	Quantidade de professoras no quadro docente
	Quantidade de professoras de matérias exatas no quadro docente
	Quantidade de professores de matérias humanas ou linguagens no quadro docente
	Quantidade de mulheres na coordenação/direção
	Presença de figuras femininas nos livros didáticos
	Presença de figuras femininas nos quadros nas paredes
Comunicação	Nível de igualdade no tratamento que os professores dão aos alunos
	Nível de igualdade no tratamento que os alunos dão aos professores
	Nível de igualdade no tratamento que os alunos dão para seus colegas
	Nível de igualdade no tratamento que os funcionários dão para os alunos
	Nível de igualdade no tratamento que os alunos dão para os funcionários
	Nível de igualdade no tratamento que os funcionários dão para os professores
	Nível de igualdade no tratamento que os professores dão para os funcionários
Famílias	Presença de homens em reuniões escolares com figuras parentais
	Presença de homens nos contatos feitos pela escola às famílias
	Grau de frequência de problemas reportados às famílias com alunos homens
	Presença de vieses de gênero na educação dada pelos pais aos filhos, na percepção da escola
Conscientização e treinamento	Existência/frequência de treinamento do corpo docente sobre igualdade de gênero
	Existência de profissionais nas escolas responsáveis pela conscientização sobre igualdade de gênero
	Grau de frequência de recomendações da escola aos alunos de conteúdos feministas

Dimensão	Variável
	Existência/frequência de eventos sobre igualdade de gênero
	Existência de canais de denúncia de assédio, abuso ou agressões relacionadas à gênero
	Existência de controles relacionados ao uso dos alunos de smartphones e redes sociais no ambiente escolar
Atividades	Existência de turmas separadas por gênero
	Existência de atividades ou trabalhos em sala de aula separados por gênero
	Existência de cursos extracurriculares separados por gênero
	Existência de atividades em intervalos/recreios separadas por gênero
Ambiente físico	Existência de ambientes físicos da escola separados por gênero
	Grau de cuidado dos alunos de diferentes gêneros com o espaço físico e materiais da escola

Fonte: Elaborado pelas autoras.

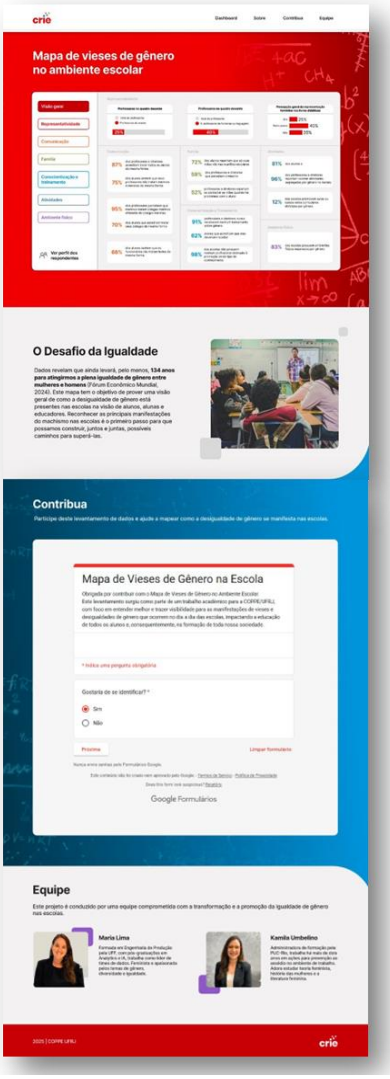
O objetivo principal do formulário é de coletar experiências de quaisquer pessoas envolvidas com o ambiente escolar, sejam alunos, professores, diretores, coordenadores ou outros funcionários, de acordo com os aspectos importantes já descobertos ao longo deste estudo. Ele representa a etapa "Pesquisar" do método *Data Thinking*, tanto contemplando as fontes de dados exploradas e analisadas por este trabalho – transformadas na estrutura do formulário - quanto incorporando novos dados dos usuários que o preencherão. Uma parte importante deste formulário são as perguntas abertas, de onde podem surgir *insights* para melhorias na própria estrutura do formulário, ao longo do tempo.

Para possibilitar a geração da segunda parte da plataforma visível aos usuários, o *dashboard*, a solução deve contar com infraestrutura e tecnologias para realização de um trabalho *backend*, de forma a extrair e armazenar os dados inseridos no formulário, limpá-los, tratá-los e correlacioná-los, atendendo à etapa "Analisar/Combinar" da metodologia *Data Thinking*. Após toda esta transformação interna, as informações, análises e insights resultantes são exibidas no *dashboard* interativo mencionado.

O *dashboard*, por sua vez, representa a etapa “Visualizar/Comunicar” e pretende contribuir com o objetivo final da solução: expor os indicadores criados a partir do formulário, traduzindo as experiências ali registradas em informações, conhecimentos e insights, de forma que o usuário seja capaz de se informar, se conscientizar e tomar ações e decisões com base no conteúdo acessado, contribuindo, assim, para a etapa final de “Decidir/Implementar”.

Para tangibilizar esta ideia, um protótipo inicial foi desenvolvido, e pode ser conferido no link e na imagem a seguir:

Figura 6 - Protótipo de Solução

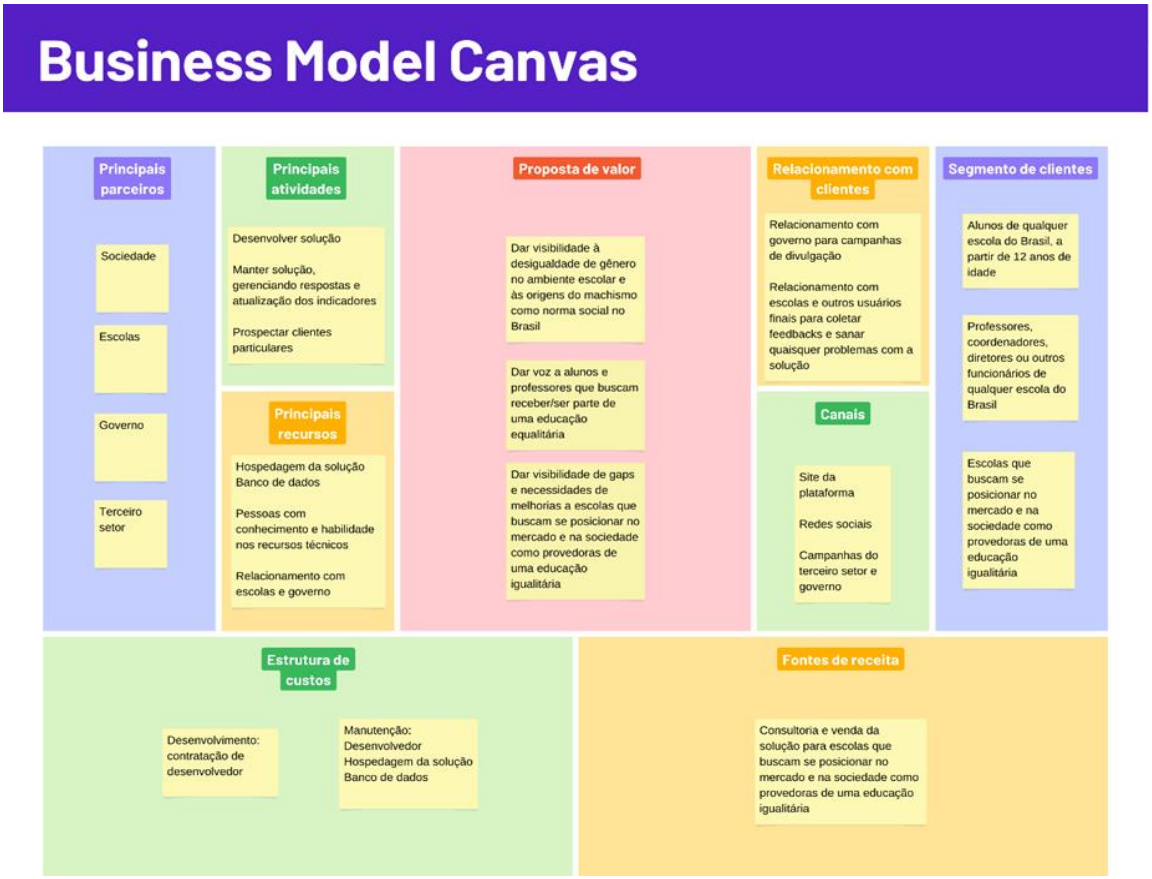


Fonte: Elaborada pelas autoras. Disponível em https://www.figma.com/proto/7cYYcsnLFCXKeR8r6Prbcu/Maria-%7C-CRIE---Mapa-de-vieses-de-g%C3%AAnero?page-id=0%3A1&node-id=0-42&p=f&viewport=331%2C239%2C0.18&t=EvB6azQEq79j3ev7-1&scaling=scale-down&content-scaling=fixed&starting-point-node-id=0%3A42

Vale destacar que as telas, indicadores, análises e gráficos deste *dashboard* só poderão ser de fato definidos, após um profundo trabalho de análise e correlação dos dados, sendo este desenho do protótipo apenas uma ilustração inicial mais expositiva dos dados das perguntas criadas no formulário.

A proposta de valor desta solução é sintetizada no seguinte *Business Model Canvas.*

Figura 7 - Business Model Canvas da Solução

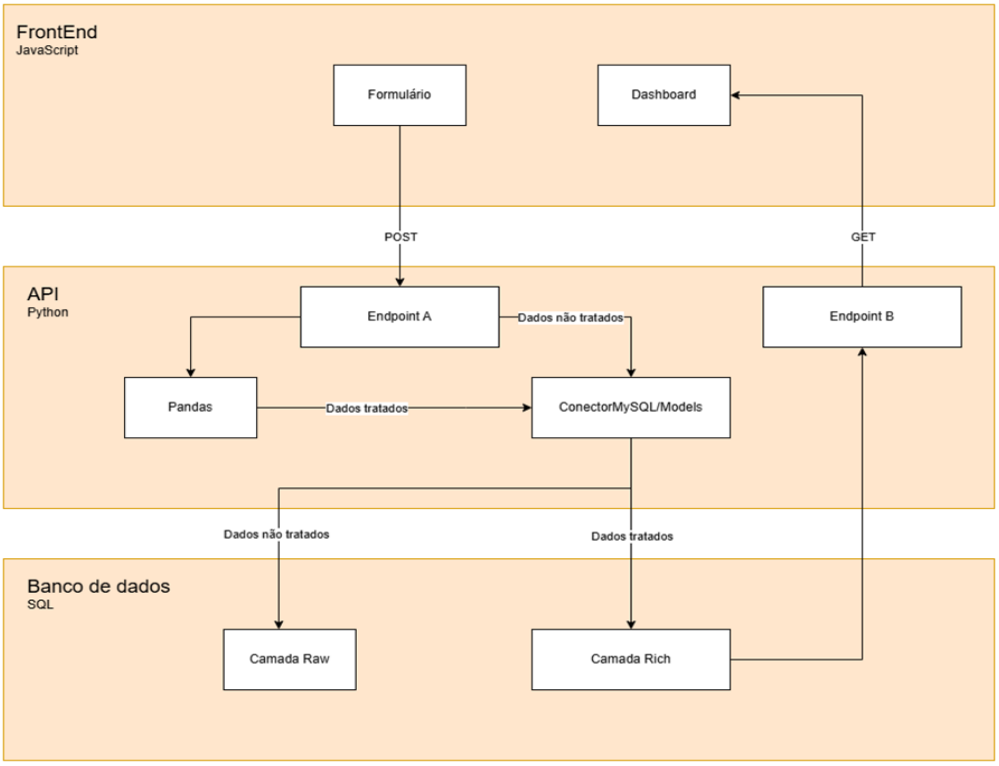


Fonte: Elaborada pelas autoras

5.3. Solução Detalhada

Para viabilizar tecnicamente tal solução, existem múltiplos caminhos. Um deles seria o proposto abaixo:

Figura 8 - Desenho técnico da solução



Fonte: Elaborada pelas autoras

Sugere-se a utilização de bibliotecas JavaScript para o desenvolvimento do FrontEnd, como NextJS para o formulário e ChartJS para o dashboard. Para armazenamento dos dados, propõe-se o uso de um banco de dados SQL estruturado, como Postgree, MariaDB, MySQL, SQLServer, dentre outros.

Para a conexão entre os dados preenchidos no formulário e o banco de dados, do tratamento dos dados e da conexão entre os dados tratados e o dashboard, sugere-se o uso de API com bibliotecas do Python na parte do tratamento, como Pandas.

6. APLICAÇÃO

Para dar vida a esta proposta de solução, foram traçados os planos de ação abaixo, de curto, médio e longo prazo.

6.1. Plano de Ação de Curto Prazo: Desenvolver a plataforma

Para o plano de ação de curto prazo, utilizou-se a metodologia 5W2H (What, Why, Where, When, Who, How, How much) para garantir uma definição mais precisa das ações cronologicamente mais próximas.

Figura 9 - Plano de ação de curto prazo

Fonte: Elaborada pelas autoras

Para viabilizar o custeio do desenvolvimento, além da possibilidade de custeio independente, propõe-se a investigação de editais públicos para projetos de inovação e diversidade, igualdade etc.

6.2. Plano de ação de médio prazo: Estabelecer parcerias

Como forma de trazer o maior impacto possível para a sociedade, a solução foi pensada como uma plataforma pública, que qualquer pessoa poderia acessar, conhecer os indicadores e preencher o formulário. Para atingir este objetivo, ela precisaria ser amplamente divulgada. De forma a obter esta divulgação, as autoras buscariam contato com:

- Governos: secretarias de educação e secretarias da mulher;
- Organizações do terceiro setor: instituições que trabalham pela igualdade e diversidade;
- Instituições do setor privado: empresas do mercado de igualdade e diversidade.

Vale destacar que, nesta etapa, a estratégia de divulgação e incentivo de uso da ferramenta deve ser tal que incentive a adesão e participação das pessoas não apenas de camadas da sociedade já familiarizadas com a temática, mas que também tenha alcance em outros os nichos sociais, inclusive mais conservadores.

6.3. Plano de Ação de Longo Prazo: Consolidação da Solução e Melhoria Contínua

Após a divulgação da plataforma, dados começariam a ser coletados e indicadores mais ricos, construídos. O caminho apropriado, neste momento, seria observar de perto os dados entrantes e identificar se alguma melhoria seria necessária na ferramenta para que se mantenha ativa e estável.

Já após sua consolidação de forma estável, novas rodadas de projetos tecnológicos poderiam ocorrer, buscando a melhoria da ferramenta. Uma primeira sugestão seria inserir mais campos de comentários abertos no formulário, e inserir algoritmos de aprendizado de máquina que interpretassem os textos e os transformassem em mais dados e mais indicadores. De forma geral, seria muito importante haver uma equipe de acompanhamento e sustentação da ferramenta, para que seu uso fosse constantemente observado

e fossem coletados feedbacks frequentes, de forma a verdadeiramente ser uma ferramenta que se ajuste à necessidade e ao problema. A ideia não seria implementar o protótipo desenvolvido com exata precisão, sem possibilidades de adaptação aos resultados encontrados.

6.4. Resultados Esperados com a Aplicação

Com estes planos em ação, espera-se que a ferramenta possa contribuir concretamente para a igualdade de gênero e fomento de melhorias na educação igualitária em nosso país. Com o Mapa, seria possível colher insights para melhorias no sistema público ou privado de educação, ideias de campanhas de busca pela igualdade de gênero, conscientização para pais, educadores e funcionários de instituições de ensino etc. As próprias escolas, ao conhecer a plataforma e entrar em contato com seus dados, teriam mais visibilidade de manifestações de vieses de gênero que existem, podendo melhorar sua atenção e cuidado com tais manifestações e outras mais, fortalecendo sua capacidade de agir positivamente na instituição e fornecer uma educação de cada vez mais igualdade.

7. CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou mostrar de que forma o machismo configura-se como um problema complexo, enraizado em crenças, atitudes e condutas que estabelecem uma polarização dos sexos e a superioridade do masculino em áreas consideradas importantes pelos homens (CASTAÑEDA, 2006). Para desconstruir essa estrutura, que afeta tanto homens quanto mulheres, este trabalho propôs uma abordagem que atue na elucidação dos vieses de gênero, com foco no ambiente escolar. Isto porque o machismo, como um conjunto de crenças e valores, é aprendido e reproduzido socialmente, ou seja, "*uma verdadeira pedagogia afetiva que ensina aos meninos que, para ser homem, há que se repudiar as mulheres e as características femininas.*" (ZANELLO, 2020, p.81).

A elucidação destes vieses, também contribui para o desmantelamento de mitos que sustentam o machismo como um sistema natural e inato a humanidade, e fomenta o entendimento do machismo como processo histórico, produzido e reproduzidos por determinadas continências e, assim, passível de ser modificado.

Para tangibilizar e dar visibilidade a este problema, o trabalho propõe a necessidade de uma abordagem que permita esclarecimento, informação e conscientização do tema, em escolas, ambientes centrais onde comportamentos machistas são aprendidos, cultivados e experimentado por alunos e alunas.

Alunas que já experimentaram uma das maiores violências advindas do machismo, o assédio sexual, aprendem a ocupar menos espaço e a se posicionar em cantos de corredores, pátios e salas de aula. Esta violência as afeta de tal modo que as meninas tendem a adotar estratégias para evitar serem notadas e chamar atenção indesejada, mesmo que para isso tenham que perder a atenção positiva e o reconhecimento de suas conquistas.

A solução apresentada, o Mapa da Desigualdade de Gênero nas Escolas, que surge como uma ferramenta para dar visibilidade e tangibilizar o problema. Através de um formulário e um painel de visualização de dados, a plataforma coleta e analisa as experiências de alunos e educadores, revelando as principais manifestações do machismo no contexto escolar.

Acreditamos que a conscientização e o acesso à informação são os primeiros passos para a mudança. Ao mapear e expor os vieses de gênero presentes nas escolas, a plataforma permite a identificação de áreas críticas e a formulação de estratégias de intervenção eficazes. O Mapa da Desigualdade de Gênero nas Escolas tem o potencial de catalisar transformações significativas no ambiente escolar, promovendo a igualdade de gênero e construindo um futuro mais justo e equitativo para todos.

Vale ainda destacar que no momento da elaboração do presente artigo, acende-se a discussão sobre o impacto das redes sociais da propagação do machismo e de violências direcionadas a meninas e mulheres, inclusive nas escolas. No Brasil, um levantamento do Instituto Sou da Paz demostrou que, nos últimos 20 anos, aconteceram 23 ataques a escolas com armas brancas e armas

de fogo, dez deles só nos últimos oito meses do levantamento. De acordo com o instituto, são recorrentes entre os autores dos ataques relatos de bullying e a subcultura de ódio que incentiva à violência, criada nos ambientes digitais. Ainda de acordo com o Instituto, este fenômeno está aliado a sociabilização de crianças e jovens, majoritariamente mediada pelo mundo digital. Essa nova realidade traz desafios para famílias, escolas e estado sobre:

> [...] como supervisionar e apoiar esse uso da internet de forma a torná-lo mais saudável e minimizar o risco de envolvimento nessa cultura violenta, com incitações ao racismo, homofobia, misoginia e intolerância religiosa. (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2023)

Assim, fazem-se necessários novos estudos e abordagens para lidar com este fenômeno, e os conceitos de sistema complexo e complexidade das redes podem ser úteis, quando utilizados para aprofundar o olhar nas interações que promovem, alimentam e retroalimentam o machismo, inclusive no mundo digital.

8. REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

CASTANEDA, Marina. O machismo invisível. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo, SP: A Girafa Editora, 2006.

INAYATULLAH, Sohail. Causal Layered Analysis: A Four-Level Approach to Alternative Futures. Futuribles, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/332706079>. Acesso em: 21/03/2023.

INSTITUTO AVON; LOCOMOTIVA. O papel do homem na desconstrução do machismo: Pesquisa Instituto Avon/Locomotiva. São Paulo, 2016. Disponível em:<https://institutoavon.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Pesquisa-Machismo_2016.pdf>. Acesso em: 21/03/2025.

INSTITUTO SOU DA PAZ. Raio-X de 20 anos de ataques a escolas no Brasil 2002-2023. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2023/05/Raio-x-ataque-a-escolas.pdf>. Acesso em 30/04/2025.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Technologies of gender: essays on theory, film and fiction. Bloomington and Indianópolis: Indiana University Press, 1987. p. 1-30.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo, SP: Editora Pensamento-Cultrix Ltda., 2019.

MITCHELL, Melanie. Complex Systems: Network Thinking. Santa Fe University. Santa Fe, 2006.

NO MORE BOYS AND GIRLS: Can Our Kids Go Gender Free?. Direção: Samuel Palmer. Produção: Outline Productions Ltd. Londres. Prime Video, 2017. Online, Disponível em: <https://www.primevideo.com/detail/No-More-Boys-and-Girls-Can-Our-Kids-Go-Gender-Free/0FJX6Q8KANMNPMFAU86ZCPCTDX>. Acesso em 30/04/2025.

NATIONAL EDUCATION UNION; UK FEMINISTA. “It’s just everywhere”: A study on sexism in schools – and how we tackle it. 2017. Disponível em:

<https://ukfeminista.org.uk/wp-content/uploads/2017/12/Report-Its-just-everywhere.pdf>. Acesso em: 21/03/2025.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação / Valeska Zanello. – 1. ed. - Curitiba: Appris, 2018.

_____. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na "casa dos homens": um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, Larissa (Org.). Gênero em perspectiva. Curitiba: CRV, 2020. cap. 4, p. 79-100. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Valeska-Zanello/publication/374442938_Dos_insultos_entre_adolescentes_ao_trabalho_das_relacoes_de_genero_na_escola/links/651d9c45fc5c2a0c3bb60589/Dos-insultos-entre-adolescentes-ao-trabalho-das-relacoes-de-genero-na-escola.pdf?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19>. Acesso em: 23/03/2025.

_____; BUKOWITZ, Bruna; COELHO, Elisa. XINGAMENTOS ENTRE ADOLESCENTES EM BRASÍLIA: LINGUAGEM, GÊNERO E PODER. INTERACÇÕES, nº 17, p. 151-169, 2011.

_____; MONTEIRO, Clara. TECNOLOGIAS DE GÊNERO E DISPOSITIVO AMOROSO NOS FILMES DE ANIMAÇÃO DA DISNEY. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30066/17793 >. Acesso em: 21/03/2025.

_____; NICOLODI, Laís. Poder, patriarcado e dispositivos de gênero no manejo clínico analítico-comportamental, 2023. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/375768258_Poder_patriarcado_e_dispositivos_de_genero_no_manejo_clinico_analitico-comportamental > Acesso em: 21/03/2025.

9. ANEXO I

A seguir encontram-se as perguntas que foram base para o formulário:

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
Identificação/ Perfil	Gostaria de se identificar?	Múltipla escolha	N/A	• Sim • Não
	Nome completo	Texto	Só para quem marcou que gostaria de se identificar	N/A
	E-mail	Texto	Só para quem assinalou que gostaria de se identificar	N/A
	Estado	Múltipla escolha	N/A	• Acre • Alagoas • Amapá • Amazonas • Bahia • Ceará • Distrito Federal • Espírito Santo • Goiás • Maranhão • Mato Grosso • Mato Grosso do Sul • Minas Gerais • Pará • Paraíba • Paraná • Pernambuco • Piauí • Rio de Janeiro • Rio Grande do Norte • Rio Grande do Sul • Rondônia • Roraima • Santa Catarina • São Paulo • Sergipe • Tocantins
	Mora na capital do seu estado?	Múltipla escolha	N/A	• Sim • Não
	Qual o seu sexo?	Múltipla escolha	N/A	• Feminino • Masculino

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
	Idade	Texto	N/A	N/A
	Escola onde estuda/trabalha	Texto	N/A	N/A
	Pública ou privada?	Múltipla escolha	N/A	• Pública • Privada
	Qual a sua relação com a escola?	Múltipla escolha	N/A	• Sou aluno/a • Sou professor(a)
	Ano/série escolar	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Ensino fundamental – 6º ano • Ensino fundamental – 7º ano • Ensino fundamental – 8º ano • Ensino fundamental – 9º ano • Ensino médio – 1º ano • Ensino médio – 2º ano • Ensino médio – 3º ano
Representatividade	Quantos professores há na escola?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A
	Quantas são mulheres?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A
	Quantas destas são de matérias de exatas?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A
	Quantos professores homens são de matérias humanas ou linguagens?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A
	Quantas pessoas há na coordenação/direção?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A
	Quantas são mulheres?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
	Os livros didáticos apresentam referências e figuras históricas femininas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Muito poucas • Não
	Existe uma preocupação da escola quanto às meninas se sentirem representadas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Existem quadros e imagens de pessoas nas paredes da escola?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Se sim, há mulheres nesses quadros e imagens?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Muito poucas • Não
	Algum comentário sobre as perguntas acima? O que você tem a dizer sobre a representatividade feminina nessa escola?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A
Comunicação	Você acredita que trata todos os alunos da mesma forma?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Quando vai chamar alunos para responder perguntas e participar das aulas, possui algum método/critério de escolha ou escolhe aleatoriamente?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Possuo método/critério; • Escolho aleatoriamente
	Seu método/critério leva em conta distribuir igualmente a participação entre meninos e meninas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou "Possuo método/critério" na última pergunta	• Sim • Não havia pensado nisso
	Escolhendo aleatoriamente, você já pensou que pode, inconscientemente, acabar dando mais voz para meninos do que meninas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou "Escolho aleatoriamente" na última pergunta	• Não concordo que isso possa acontecer • É verdade, não havia pensado nisso

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
	Você chama seus alunos por termos ou apelidos neutros/iguais ou tem formas diferentes de endereçar os alunos? (Exemplos: chama os alunos de querido/querida igualmente, ou cada um sempre pelo seu nome? Ou chama eventualmente os meninos de “cara” e as meninas de “meu amor”?)	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Acho que os chamo de forma neutra/igualmente • Acho que eventualmente os chamo por termos/apelidos diferentes
	Você sabia que, usando termos/apelidos diferentes para meninos e meninas, você pode inconscientemente estabelecer vínculos de níveis hierárquicos um pouco diferentes com eles, e acabar passando uma mensagem de maior respeito por meninos e menor por meninas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou “Acho que eventualmente os chamo por termos/apelidos diferentes” na última pergunta	• Não concordo que isso possa acontecer • É verdade, não havia pensado nisso
	Você já expressou, em sala de aula, alguma frase como “isso é/não é coisa de menino/menina”, “claro, você é menino/menina” ou similar?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Não, nunca • Sim, já expressei
	Você nota que os alunos meninos expressam ideias ou comentários machistas e/ou ofensivos às meninas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Você interfere?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou “Sim” na última pergunta	• Sim • Não

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
	Você nota que seus alunos, meninas ou meninos, se comunicam com você de forma diferente por ser homem ou mulher? (Exemplo: se você é homem, os meninos te tratam com mais igualdade do que tratam as professoras mulheres? Ou se é mulher, o contrário?)	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Algum comentário sobre as perguntas acima? O que você tem a dizer sobre a comunicação igualitária nessa escola, em termos de gênero?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A
Famílias	Nas reuniões com as figuras parentais, os homens são presentes?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Muito pouco • Não
	Quando é necessário entrar em contato com a família de um aluno, quem normalmente é contactado?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• A mãe • O pai • Os dois
	Em reuniões com as figuras parentais, quando há discussão sobre problemas e dificuldades com alunos, é mais comum os problemas serem relacionados a quais alunos?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Meninos • Meninas • Os dois
	Na sua visão, as famílias conseguem proporcionar uma educação igualitária em relação a gênero para seus filhos?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Algum comentário sobre as perguntas acima?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
	O que você tem a dizer sobre as percepções sobre as famílias e sobre a relação da escola com as famílias, em termos de gênero?			
Conscientização e Treinamento	Você já recebeu algum treinamento sobre o tema da igualdade de gênero?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Se sim, como foi foram?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A
	Existe algum profissional na escola responsável por promover conscientização e treinamento sobre o tema da igualdade de gênero, seja para o corpo docente ou para os alunos?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Existe algum incentivo/esforço proativo da escola para incentivar leituras e outras formas de obtenção de conteúdo feminista para os alunos?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Existem ou já houve rodas de conversa, palestras ou outros eventos promovidos sobre o tema?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Se sim, foi um evento pontual ou é algo constante/frequente?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Pontual • Constante/ frequente
	Existe algum canal para denúncia de abusos, assédios, agressões verbais e outros problemas relacionados à discriminação de gênero?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
	Existe algum tipo de controle ou cuidado com o uso de smartphones e redes sociais no ambiente escolar?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Algum comentário sobre as perguntas acima? O que você tem a dizer sobre o nível de treinamento e conscientização de todas as pessoas que participam do ambiente escolar, em relação à gênero?	Texto	Só para quem assinalou que é professor(a)	N/A
Autopercepção dos alunos	Você nota diferença de autopercepção entre seus alunos meninos e meninas, de forma que os meninos demonstram mais autoestima e autoconfiança e as meninas se mostram mais inseguras e duvidam mais de si mesmas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é professor(a)	• Sim • Não
	Você acha que esta diferença tem fundamento? Ou seja, você nota que os meninos são, de alguma forma, realmente mais inteligentes ou capazes do que as meninas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou “Sim” na última pergunta	• Sim • Não
	Você já promoveu alguma ação ou atividade para melhorar esta distorção?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou “Sim” na última pergunta	• Sim • Não
Representatividade	Quantos professores você tem?	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A
	Quantas são mulheres?	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
	Quantas são de matérias de exatas?	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A
	Quantos professores homens são de humanas ou linguagens?	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A
	Quantas pessoas tem na coordenação/direção?	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A
	Quantas são mulheres?	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A
	Nos seus livros didáticos, você vê figuras referências e figuras históricas femininas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Muito poucas • Não
	Existem quadros e imagens de pessoas nas paredes da escola?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Não
	Se sim, há mulheres nesses quadros e imagens?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Muito poucas • Não
	Algum comentário sobre as perguntas acima? O que você tem a dizer sobre a representatividade feminina nessa escola?	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A
Comunicação	Os professores tratam todos os alunos da mesma forma?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Não
	Os professores chamam alunos meninos e meninas igualmente para participar nas aulas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim, participamos igualmente • Não, meninos recebem mais espaço para participar • Não, meninas recebem mais espaço para participar

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
	Os professores chamam os alunos por termos ou apelidos neutros/iguais ou tem formas diferentes de chamar? (Exemplos: chamam os alunos de querido/querida igualmente, ou cada um sempre pelo seu nome? Ou chamam eventualmente os meninos de “cara” e as meninas de “meu amor”?)	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Chamam de forma neutra/igual • Chamam às vezes de forma diferente
	Você percebe algum impacto ou se importa com essa diferença?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou “Chamam às vezes de forma diferente” na última pergunta	• Sim, percebo impactos ou não gosto dessa diferença de tratamento • Não, não percebo impactos e/ou não me importo
	Algum professor seu já expressou, em sala de aula, alguma frase como “isso é/não é coisa de menino/menina”, “claro, você é menino/menina” ou similar?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim, já • Não, nunca
	Você já ouviu algo similar dentro de casa?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim, já • Não, nunca
	Seus colegas meninos expressam ideias ou comentários machistas e/ou ofensivos às meninas?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Não
	Algum comentário sobre as perguntas acima? O que você tem a dizer sobre a comunicação igualitária nessa escola, em termos de gênero?	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
Famílias	Nas reuniões da escola que seus pais precisam ir, quem da sua família normalmente vai?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Minha mãe • Meu pai • Os dois • Nenhum dos dois
	Algum comentário sobre a pergunta acima?	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A
Conscientização e treinamento	Você acha que seus professores deveriam ter treinamentos sobre igualdade de gênero?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Não
	Existe algum profissional na escola responsável por promover conscientização e treinamento sobre o tema da igualdade de gênero, seja para o corpo docente ou para os alunos?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Não
	Existe algum incentivo/esforço proativo da escola para incentivar leituras e outras formas de obtenção de conteúdo feminista para os alunos?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Não
	Existem ou já houve rodas de conversa, palestras ou outros eventos promovidos sobre o tema?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Não
	Se sim, foi um evento pontual ou é algo constante/frequente?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Pontual • Constante/ frequente
	Existe algum canal para denúncia de abusos, assédios, agressões verbais e outros problemas relacionados à discriminação de gênero?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Não

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
	Existe algum tipo de controle ou cuidado com o uso de smartphones e redes sociais no ambiente escolar?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• Sim • Não
	Algum comentário sobre as perguntas acima? O que você tem a dizer sobre o nível de treinamento e conscientização de todas as pessoas que participam do ambiente escolar, em relação à gênero?	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A
Autopercepção	De 0 a 10, 0 sendo muito pouco e 10 sendo muito, quão inteligente você se considera?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• 0 • 1 • 2 • 3 • 4 • 5 • 6 • 7 • 8 • 9 • 10
	De 0 a 10, 0 sendo muito pouco e 10 sendo muito, quão capaz você se considera?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• 0 • 1 • 2 • 3 • 4 • 5 • 6 • 7 • 8 • 9 • 10
	De 0 a 10, 0 sendo muito pouco e 10 sendo muito, quão engraçado/a ou divertido/a você se considera?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• 0 • 1 • 2 • 3 • 4 • 5 • 6 • 7 • 8 • 9 • 10

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
	De 0 a 10, 0 sendo muito pouco e 10 sendo muito, quão dedicado/a ou esforçado/a você se considera?	Múltipla escolha	Só para quem assinalou que é aluno/a	• 0 • 1 • 2 • 3 • 4 • 5 • 6 • 7 • 8 • 9 • 10
	Escreva 3 palavras que te descrevem	Texto	Só para quem assinalou que é aluno/a	N/A
Atividades	Existe alguma aula em que as turmas são separadas por gênero?	Múltipla escolha	N/A	• Sim • Não
	Se sim, qual/quais?	Texto	N/A	N/A
	É comum ocorrerem atividades no recreio em que meninos e meninas se separam?	Múltipla escolha	N/A	• Sim • Não
	Se sim, qual/quais?	Texto	N/A	N/A
	Existem atividades, aulas ou cursos extra-curriculares oferecidos apenas para um gênero?	Múltipla escolha	N/A	• Sim • Não
	Se sim, qual/quais?	Texto	N/A	N/A
	Dentro da sala de aula, ocorrem exercícios, trabalhos ou atividades separadas por gênero?	Múltipla escolha	N/A	• Sim • Não
	Se sim, qual/quais?	Texto	N/A	N/A
	Algum comentário sobre as perguntas acima? O que você tem a dizer sobre as atividades da escola, em termos de gênero?	Texto	N/A	N/A

Seção	Pergunta	Tipo	Segmentação	Opções
Ambiente físico	Existe algum espaço na escola separado por gênero?	Múltipla escolha	N/A	• Sim • Não
	Se sim, qual/quais?	Texto	N/A	N/A
	Algum comentário sobre a pergunta acima? O que você tem a dizer sobre o ambiente físico da escola em relação à igualdade e neutralidade entre os gêneros?	Texto	N/A	N/A
Percepções finais	Se tiver, poderia compartilhar exemplos de casos em que percebeu manifestações de vieses ou desigualdade de gênero na sua escola? Como eles ocorreram?	Texto	N/A	N/A
	Gostaria de deixar algum comentário final?	Texto	N/A	N/A